

# KNESIS

Faculdades Network - Pesquisa básica e aplicada em Educação Física  
ano 4 - número 1 - 2015

# KNESIS

Pesquisa básica e aplicada em Educação Física







**Revista KNESIS: Pesquisa Básica Aplicada em Educação**  
**Faculdades Network – Revista da Faculdade de Educação Física**  
**ISSN 2316-3917**

Publicação anual das Faculdades Network

A Revista KNESIS é uma publicação de divulgação científica na área de Educação Física, aberta a contribuições de pesquisadores de todo o Brasil e do exterior.

**Mantenedores**

Alexandre José Cecílio  
Profa. Mestra Tânia Cristina Bassani Cecílio  
Maria José Giatti Cecílio

**Diretora Geral das Faculdades Network**

Profa. Drana. Tânia Cristina Bassani Cecílio

**Secretária Geral**

Érica Biazon

**Coord. Do Curso de Pedagogia**

Profa. Dra. Angela Harumi Tamaru

**Assessoria de Comunicação**

Alzeni Maria Silva Duda Gambeta  
(MTB 37218)

**Editoração Gráfica e Eletrônica**

Nathália Ruiz Leal  
Wellinton Fernandes

**Central de Atendimento**

(19) 3476-7676 Ramal 213  
biblioteca@nwk.edu.br



**Revista KNESIS: Pesquisa Básica e Aplicada em Educação Física**  
**Faculdades Network – Revista da Faculdade de Educação Física**  
**ISSN 2316-3917**

Ficha Catalográfica elaborada pelas Faculdades Network

Revista KNESIS: Pesquisa Básica e Aplicada em  
Educação Física / Tânia Cristina Bassani Cecílio (org)– v. 4, n.1  
(2012) – Nova Odessa,

SP: Faculdades Network, 2015-

Anual

Editada pelas Faculdades Network

ISSN 2316-3917

## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> .....	07
<b>A REALIDADE DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Alini Amorim, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	08
<b>INCLUSÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA- REALIDADE OU FICÇÃO?</b> <i>Clayner Cristina Neves F Ribeiro, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	14
<b>LUTAS, ESPORTES DE COMBATE E ARTES MARCIAIS – VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Daniele Liasch de Moura, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	20
<b>A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PARTICULAR DE ENSINO</b> <i>Fabiana Antonia Negrão, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	27
<b>PORQUE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SÃO DESMOTIVANTES?</b> <i>Maria Janaina de Oliveira, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	33
<b>A INCLUSÃO DO CADEIRANTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO</b> <i>Lidia da Silva Barbosa, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	43
<b>A CRISE DE IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA JÁ CHEGOU AO FIM?</b> <i>Wesley Rodrigo Cardoso Dias, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	50
<b>CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b> <i>Willian Silva, Thiago Augusto Costa de Oliveira</i> .....	58
<b>- RESENHAS</b>	
<b>BLANCO, R. Dança Chegança. Seminário Multidisciplinar, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015</b> <i>Fábio A. C. da Silva, Iara F. Corrêa, Clayton H. de M. Dantas, Pedro P. S. F. Cordeiro</i> .....	63
<b>MACEDO, A. Anatomia palpatória. Seminário Multidisciplinar, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015</b> <i>Suély H. dos Santos, Tamara C. M. Dantas, Erick R. F. da Silva, Robert Cardoso, Neuma dos S. Argolo, Fabiana M. Nunes</i> .....	65

<b>BOGRI, D. Atividades lúdicas para o desenvolvimento Psicomotor. Seminário Multidisciplinar, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015</b> <i>Rose Gabriel, Tânia Oliveira</i> .....	66
<b>TAMARU, A. A.; SANTOS, K. L. dos. Os papéis sociais de gênero na Educação. Seminário Multidisciplinar, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015</b> <i>Paulo C. M. dos Santos, Jhonata A. da Silva, Juliana Longin, Michele Rufino, Luana Amaral e Vanessa Marques</i> .....	67
<b>GONÇALVES, L. C. Palestra de filosofia. Seminário Multidisciplinar, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015.</b> <i>Jhennifer C. de Sousa Godoy</i> .....	68

## EDITORIAL

Tivemos um ano profícuo de produção científica, cujo resultado pode ser expresso por esta edição da Revista Knesis, que traz os trabalhos de pesquisa de destaque, envolvendo temas de grande importância para a área, como o processo inclusivo de alunos com síndrome de down e cadeirantes; conteúdos da área de Educação Física, como lutas, esportes de combate, artes marciais e capoeira; processos metodológicos da prática escolar, como avaliação da aprendizagem, motivação e crise conceitual de identidade da área.

Estes trabalhos mostram que se trata de um grupo de pesquisadores atuantes, com preocupações centrais da área de Educação Física, avançando os conhecimentos científicos necessários para o seu crescimento e avanço. Estes trabalhos foram destaque na sessão de Workshop do curso, evento realizado anualmente nas Faculdades Network.

Dando continuidade a sessão de resenha que publicamos na revista, temos uma série de escrita por nossos alunos de curso, tematizando as palestras realizadas pelos professores da instituição e convidados no Seminário Multidisciplinar das Faculdades Network 2015, focando a abertura coreografada por Rose Blanco, com a Dança Chegança, tematizando a entrada dos portugueses no Brasil Colônia; um minicurso oferecido pela Professora Doutoranda Aline Macedo, sobre anatomia palmatória, que permite o reconhecimento anatômico por meio da palmada.

Foram resenhadas também uma palestra sobre atividades lúdicas para o desenvolvimento motor, realizada por Bogri; uma palestra sobre gêneros no ambiente escolar, desenvolvida pela Professora Doutora Angela Harumi Tamaru e sua orientanda Kesya Larisse dos Santos; e, por fim, uma palestra do Professor Especialista Luís Carlos Gonçalves, sobre a contribuição da Filosofia para a prática escolar.

Todas essas apresentações foram resultados de uma prática de construção do conhecimento necessária para a atuação de uma instituição voltada para a pesquisa. Assim, fica o convite à leitura desses registros.

Profa. Dra. Angela Harumi Tamaru  
Profa. Me. Tânia Cristina Bassani Cecílio

## A REALIDADE DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Alini Amorim<sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O estudo procurou investigar se os professores estão preparados para lidar com a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas de Educação Física. Foi feita uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores. Participaram do estudo 10 professores da rede estadual de ensino, todos responderam um questionário com 07 perguntas. Os resultados nos mostram que os professores não estão preparados para lidar com a inclusão escolar, já que muitos não sabem o que significa e confundem com liberdade assistida, outros trabalham a individualidade sendo que o foco da inclusão é trabalhar a socialização, entre todos os professores que participaram desta pesquisa apenas dois professores de Educação Física trabalham a inclusão como se sugere a literatura. Os resultados nos permite sugerir que os professores não estão preparados para lidar com a inclusão.

**Palavras-chave:** Inclusão, Educação Física escolar e Professores.

### ABSTRACT

*The study sought to investigate whether the teacher are prepared to deal with the inclusion of student with disabilities in their physical education classes. It was made a literature review and a qualitative field research with questions on the subject teachers. Study participants were 10 teachers of state schools, all answered questionnaire with 07 questions. The results show that teachers are not prepared to deal with school inclusion, since many do not know what it means and confused with probation, others work individuality being the focus of inclusion is working socialization among all teachers who participated in this survey only two physical education teachers work including as suggested literature. The results allow us to suggest that teachers are not prepared to deal with inclusion.*

**Keywords:** Inclusion, Physical Education and Teacher.

(1) Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [aliniamorim2010@hotmail.com](mailto:aliniamorim2010@hotmail.com))

(2) Prof. Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))



## 1 Introdução

A integração escolar foi elaborada em 1972 na forma do princípio de normalização por um grupo da Escandinávia da área de Educação especial. A proposta rege que todas as pessoas com deficiência têm o direito de desfrutar da própria vida o mais comum ou normal possível na sociedade onde vivem, assim oferecendo oportunidade para essas pessoas garantindo os direitos de cada um. Diante dos resultados obtidos com a inclusão escolar em outros países mais desenvolvidos, o sistema educacional do Brasil passou por consideráveis mudanças no atendimento dos alunos com necessidades especiais, procurando um método de atendimento mais específico.

Com o desenvolvimento deste método a inclusão escolar foi ganhando força e a sociedade aceitando e respeitando a integração dos alunos inclusivos nas salas de aula de ensino regular. A partir do final dos anos 80 o termo integração foi substituído pelo conceito inclusão, uma vez que o objetivo é incluir, sem nenhuma distinção perante as pessoas independente das habilidades dos mesmos. (BATISTA; ENUMO, 2004).

Educação inclusiva é o ato de se preparar e adaptar-se para incluir pessoas com necessidades especiais perante a sociedade em geral, possibilitando para as mesmas que se preparem para assumir seus direitos e deveres na sociedade. Portanto a inclusão inicia-se na educação apropriada e de alta qualidade, ocorrendo por obrigatoriedade também na rede regular de ensino sem nenhuma diferenciação. (BOZZO, 2012).

“A inclusão ganhou reforços com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, e com a Convenção de Guatemala, de 2001. Esta última proíbe qualquer tipo de diferenciação, exclusão ou restrição baseada na deficiência das pessoas. Sendo assim, mantê-las fora do ensino regular é considerado exclusão e crime” (BOZZO, 2012, p. 07).

Para explicar a posição de Bozzo, pode-se citar a LDB de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Art.58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

## 2 Revisão bibliográfica

A inclusão ainda é um assunto muito contraditório prova disto é nossa revisão de literatura onde podemos observar que não há um consenso sobre a problemática da inclusão. Um estudo conduzido por Nascimento, et al. (2007) teve por objetivo analisar a atuação dos professores de Educação Física escolar inclusiva, essa pesquisa foi realizada com caráter qualitativo e a amostra foi selecionada por acessibilidade se configurando em 20 professores da rede regular de ensino público e privado, outra pesquisa abordou a questão da igualdade de direitos e oportunidades educacionais para todos em um ambiente educacional, através da revisão bibliográfica (BOZZO, 2012), já Falkenbach, et al. (2007) investigou a temática da inclusão de crianças com necessidades especiais na prática pedagógica da Educação Física, por meio de coleta de informações, através de entrevistas e observações, ainda na temática da inclusão Batista e Enumo (2004) realizaram um estudo com objetivo de descrever e analisar a interação social entre três alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental com deficiência mental, por testes sociométricos, já Oliveira e Rodrigues (2006) analisaram os procedimentos e atitudes de profissionais de Educação Física que ministram aulas no sistema de inclusão, com a participação de crianças com deficiência física, a pesquisa utilizou o formato descritivo

qualitativo, cujo método monográfico é funcionalista, com característica hipotética - dedutiva, Sant'ana (2005) procurou conhecer as dificuldades e as condições necessárias à realização da proposta sobre a inclusão escolar, por meio de entrevistas, ainda Oliveira, et al. (2012) analisou o modelo de ensino inclusivo adotado pelo município de Suzano através entrevistas semi-estruturadas com professores e profissionais de uma instituição especial de ensino, e por fim Aguiar e Duarte (2005) investigaram os significados da inclusão de pessoas com necessidades especiais nas aulas de Educação Física no sistema regular de ensino, através de um questionário semi-estruturado.

Em síntese os estudos apontam que a atuação dos professores de Educação Física escolar inclusiva tem mostrado um baixo nível no desenvolvimento da inclusão, ainda sugerem que os docentes precisão ter consciência de seu papel no processo de formação, pois não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação Física que se aplique no processo de Inclusão, mas o professor sabe e pode combinar numerosos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos (NASCIMENTO, et al.,2007; BOZZO,2012; FREITAS 2002). As pesquisas ainda apontam que os professores ao mesmo tempo em que se mostram favoráveis à inclusão, deixam claro suas restrições em relação a como deve ser feita, decorrente das suas experiências tanto acadêmicas, como profissional, mas a realidade nos indica, no entanto, que o professor de Educação Física se encontra menos apetrechado para responder aos desafios da Inclusão (FALKENBACH, et al., 2007; RODRIGUES, 2003).

Deste modo buscamos investigar como a inclusão esta sendo acolhida pela área da Educação Física.

### **3 Objetivo**

Verificar se os professores estão preparados para lidar com a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas de Educação Física na rede estadual de ensino.

### **4 Método**

Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores.

Participaram do estudo 10 professores da rede estadual de ensino, da cidade de Sumaré, os quais responderam um questionário com 07 perguntas. Como segue:

1. Quanto tempo está atuando na área?
2. Quando cursou Educação Física teve alguma disciplina sobre inclusão?
3. Já fez algum curso sobre inclusão?
4. Caso a resposta da questão três seja não você teria interesse em fazer algum curso sobre inclusão. Explique o porquê de sua resposta?
5. Já teve alguma experiência com alunos da inclusão?
6. Como que você reage ao entrar em uma sala de aula e se deparar com algum aluno da inclusão?
7. Como você trabalha com a inclusão nas salas de aula?

## 5 Resultados e discussões

Os professores entrevistados tinham mínimo 03 anos e máximo 27 anos de prática na área. E durante a graduação dos mesmos 80% tiveram disciplinas que abordaram a inclusão, já 20% dos professores não tiveram nenhuma disciplina do tipo. Posteriormente 40% dos professores que fizeram cursos extracurriculares sobre inclusão disseram ser importante evoluir como profissionais já que a educação física escolar vem mudando drasticamente e que é muito importante se atualizar-se em metodologias. Porém a maioria dos participantes 60% não fizeram nenhum curso sobre inclusão, mas disseram ter interesse em se qualificar mais na Educação Inclusiva, pois segundo eles é importante se prepararem didaticamente e obterem mais conhecimento para melhorar a qualidade das aulas, e as justificativas foram quanto mais capacitados mais preparados é melhor para trabalhar em escolas onde recebem uma demanda grande de alunos que possuem dificuldades e deficiências.

Todos os professores que participaram dessa pesquisa já trabalharam com alunos da Educação Inclusiva, apesar de 10% ter se confundido ao dizer que não possuía nenhum aluno inclusivo e depois acabou relatando que as duas alunas com deficiência auditiva que são da turma de treinamento da escola participavam normalmente dos treinos, já 60% dos professores relataram que quando entram em uma sala de aula e se deparam com alunos da inclusão afirmam, se sentem preparados e à-vontade para lidar com eles, 30% dos professores disseram que pedem ajuda se precisarem, e somente 10% disseram que se sentem desafiados.

Por fim, dos professores que participaram dessa pesquisa, apenas 1 o professor 6 disse que não adapta suas aulas e relata que os alunos inclusivos participam das aulas normalmente. Já os demais professores possuem modos diferentes de trabalharem com alunos da inclusão, como o professor 1 que trabalha com jogos cooperativos ou o professor 2 adaptando as aulas para cada tipo de deficiência, já professor 4 conta com espaço e infra-estrutura, professor 10 procura propor atividades que englobem toda sala com atividades adaptadas como vôlei sentado dizendo ser exemplo do que ele utiliza em suas aulas, professor 6 relata que nas aulas práticas geralmente os alunos participam, pois a turma toda está sempre apoiando o único aluno de inclusão que eles possuem, e que também por ele ser surdo-mudo há uma interprete de libras para auxiliar, o professor 7 também tem interpretes para alunos com deficiência auditiva, mas mesmo assim é difícil trabalhar algumas atividades e uma forma de amenizar esta dificuldade foi explorar a rima através de disputa de hip-hop através do auxílio de libras que o intérprete utiliza, ou trabalhando o ritmo na dança, professor 9 trabalha com a inclusão falando sobre as semelhanças, diferenças, dificuldades e em outro momento com a individualidade, professor 5 fala que procura atender os alunos com o mesmo tratamento, respeitando o nível que o indivíduo se encontra e por fim professor 8 que procura incluir não só o aluno especial, mas o aluno regular na aula com o aluno especial, colocando eles nas situações e jogos adaptados para os mesmos aprenderem a entender e respeitar as diferenças.

Após análise dos resultados podemos verificar que os professores não estão preparados para lidar com a inclusão escolar, pois muitos não sabem o que significa e confundem com liberdade assistida, outros trabalham a individualidade sendo que o foco da inclusão é trabalhar a socialização, entre todos os professores que participaram desta pesquisa apenas dois entre os demais professores de Educação Física trabalham a inclusão como se sugere a literatura.

## 6 Considerações finais

Podemos sugerir que os professores não estão preparados para lidar com a inclusão, pois existe uma lacuna muito grande na Educação Física escolar, no que tange a compreensão da inclusão.

Fatores como a falta de conhecimento dos educadores e apoio da rede estadual de ensino em auxiliar seus docentes provavelmente continuem para o fracasso. Uma forma de amenizar este problema seria o Estado oferecer cursos de qualificação nesta área inclusiva, mas não pensando apenas no método, mas também nas vivências decorrentes ao dia-a-dia do profissional que atua com a população com necessidades especiais na prática, a fim de oportunizar o leque de experiência e estimular a reflexão do profissional perante sua atuação nesse contexto, pois somente a graduação não é suficiente para que os mesmos tenham total segurança de como trabalhar com alunos inclusivos ao mesmo tempo em que tem que lidar também com alunos regulares, e essa é a maior preocupação da maioria desses profissionais, se estão alcançando o objetivo de ensino e aprendizagem ou não.

Os professores que se formaram há muito tempo também tem que se policiar perante suas atitudes e esquecer o método tecnicista e trabalhar a inclusão de forma correta e atual, por que dessa forma eles mesmos se depreciam, pois não demonstram interesse em melhorar a qualidade das aulas e nem em se atualizar, e se prendem a métodos do passado não criando condições de evolução.

Em fim existem muitas formas e possibilidades para melhorar a educação inclusiva, porem a um percurso muito longo para fazer acontecer de forma correta e funcional. É importante também que o professor tenha interesse em conhecer os seus alunos, como o tipo de deficiência que ele possui como aspectos físico, cognitivo e afetivo emocional, podendo adequar ou preparar sua aula.

Uma sugestão de adequar o planejamento das aulas seria os docentes adotarem em suas praticas os princípios do ensino aprendizagem sugeridos por: (BOZZO, 2012, p. 06).

- Aprendizagem ativa e significativa, que é trabalhar com abordagens que encorajam a participação dos alunos nas atividades;
- Negociação de objetivos, para motivar os interesses de cada estudante;
- Demonstração da pratica e feedback, que é mostrar como a atividade será feita;
- Avaliação continua que auxiliara na melhoria e administração das aulas;
- Apoio e colaboração, que contribuirá com o fim das práticas de ensino individualizado.

Desta forma o professor de Educação Física poderá refletir sobre seu trabalho e mudar seu processo de pedagogia tradicional para uma pedagogia inclusiva.

## Referências

AGUIAR, J. S; DUARTE, E. Educação Inclusiva na Área da Educação Física, **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 11, n. 2, p. 01-18, Marília, Mai- Ago. 2005.

BATISTA, M.W; ENUMO, S. R. F. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros, **Universidade Federal do Espírito Santo**, v. 9, n. 1, p. 01-11, 2004.

BOZZO, F. E. A inclusão na escola, **Revista Científica do Unisalesiano**, n.3, p. 01-14; jan./jun; SP, 2012.

FALKENBACH, A. P; CHAVES, F. E; NUNES, D. P; NASCIMENTO, V. F. A Inclusão de Crianças com Necessidades Especiais nas Aulas de Educação Física na Educação infantil, **Movimento**, v. 13, n. 02, p. 01-17, 2007.

FREITAS, P. S. Educação Física e Inclusão: Considerações para a prática Pedagógica na Escola. **Universidade Federal do Paraná - Doutoranda na Unicamp**, 2002.

NASCIMENTO, K.P; RODRIGUES, G.M; GRILLO, D. E; MERIDA, M. A Formação do Professor de Educação Física na Atuação Profissional Inclusiva, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, p. 01-06, 2007.

OLIVEIRA, M. F. L; ALVES, M. L. M; GALATTI, L. L; DUARTE, E. Modelo de Inclusão com Suporte da Escola Especial: Um Estudo de Caso da Rede Municipal de Suzano, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v, 11. n, 1. p, 01-13, 2012.

OLIVEIRA, A. F; RODRIGUES, G. M. Intervenção Profissional na Inclusão de Crianças com Deficiência no Ensino Regular: Um estudo Piloto, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, (especial) 5, p. 01-08, 2006.

RODRIGUES, D. A educação Física Perante a Educação Inclusiva; Reflexões Conceituais e Metodológicas. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 14, n. 1, p. 01-07, 2003.

SANT'ANA, I. M. A educação Inclusiva: Concepções de professores e diretores, **Universidade Católica- PUC, Campinas**, Psicologia em Fundo, **Maringá**, v. 10, n. 2, p. 0108, maio/ ago. 2005.

## INCLUSÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA- REALIDADE OU FICÇÃO?

Clayner Cristina Neves F Ribeiro<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O presente estudo discorre em torno do problema atual da inclusão de crianças com síndrome de Down em aulas adaptadas e inclusivas de Educação Física. A realidade dessas crianças chega a ser desumana, pois boa parte delas vive escondida, em uma sociedade que partilham da ideia de interação, quando na realidade essa falsa moralidade preenche apenas os cadernos, livros e propagandas. Diante deste cenário o objetivo da pesquisa foi averiguar se a inclusão de crianças portadoras de síndrome de Down realmente pode ser possível nas aulas de Educação Física escolar. Para isto foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Os resultados apontam para uma indefinição acerca do referido tema, parte dos estudos corroboram a idéia da inclusão, outros concluem que a inclusão não ocorre e ainda parte da literatura aponta que a inclusão só será possível se existir uma interligação entre as pessoas envolvidas e os órgãos responsáveis. O que nos possibilita sugerir que a inclusão é possível, desde que mudanças sejam feitas, preconceitos extintos, e que sejam cobrados dos órgãos públicos o real cumprimento de todas as nossas legislações que foram adquiridas no decorrer da história, tentando pelo menos amenizar a diferença de pessoas que ainda vivem acobertadas, sem voz para pedir assistência.

**Palavras-chave:** Inclusão, Síndrome de Down, Educação Física escolar.

### ABSTRACT

*This study talks about the current problem of inclusion of children with Down syndrome in adapted and inclusive physical education classes. The reality of these children get to be cruel, because many of them live hidden in a society that shares the idea of interaction, when in reality this false morality fills only the notebooks, books and advertisements. In this scenario the objective was to determine whether the inclusion of children with Down syndrome actually occurs in the classes of Physical Education. For this was made a qualitative research realized through a literature review. The results point to a lack of definition about the said topic, some studies corroborate the idea of inclusion, others conclude that the inclusion does not occur and also of the literature points out that inclusion is only possible if there is a link between the people involved and the organs responsible. This enables us to suggest that inclusion is possible as long as changes are made, extinct prejudices, and public agencies are created able to charge the actual fulfillment of all our laws were "conquered" throughout history, trying to at least soften the difference of people living still covered up with no voice to ask for help.*

**Keywords:** Inclusion, Down Syndrome, Physical Education.

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: claynerfernades@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacoboliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

A inclusão escolar é um tema ainda muito polêmico em nosso país, por se tratar de algo recente. A literatura nos mostra o tema inclusão surgiu em meados da década de 60 e 70, onde iniciam-se movimentos que buscam melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência. Após esta fase há um retrocesso no panorama da inclusão em função do período da ditadura militar. As discussões e ações são retomadas por volta de 1988. Em 1994 em uma assembleia das Nações Unidas às discussões acerca das regras e padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiência culminaram em um documento intitulado Declaração de Salamanca, onde o Brasil foi um dos países a concordar e assinar. Em 1996 é apresentada as Diretrizes e Bases, para tratar inclusão de pessoas com deficiência, pessoas que um dia, foram consideradas, no período colonial, bruxas, fruto de feitiçaria e eram até queimadas em praças públicas.

Mas afinal o que é inclusão? A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que visa defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. (FREIRE, 2008).

Segundo Nadia (2008), por volta de 1985 surgem em alguns países os movimentos de inclusão, no Brasil estes movimentos chegam na década de 90, apoiados nos princípios da oportunidade para todos, com forte indagação na rede regular de ensino:

Esta forma de entender a inclusão reivindica a noção da escola como uma comunidade acolhedora em que participam todas as crianças de igual forma, para que ninguém seja excluído por suas necessidades especiais, ou por pertencer a grupos étnicos ou lingüísticos minoritários, por não ir frequentemente a aula, e finalmente, ocupa-se dos alunos em qualquer situação de risco (SANCHES).

Dentre as inúmeras deficiências uma das mais conhecidas e talvez uma das primeiras a ser inserida no contexto da inclusão é a Síndrome de Down.

Segundo Luiz et al. (2012) a Síndrome de Down (SD) é uma desordem genética cujo diagnóstico clínico pode ser realizado, nas primeiras horas de vida da criança, pelas suas características físicas (fenotípicas) e, posteriormente, confirmado por análises criptogenéticas do cariótipo de células em metáfase” (CAPONE, 2004).

Vários problemas de saúde, como doenças cardíacas, doenças infecciosas do aparelho respiratório, leucemia e distúrbios da tireoide são frequentemente observados naqueles com SD (SCHWARTZMAN, 1999).

Mesmo com todo esse avanço contextual, não podemos deixar de mencionar que ainda existe um longo e interessante caminho a trilhar, prova disto é a Lei específica de inclusão da pessoa com deficiência, aprovada pelo senado em 29 de junho de 2015 e desde então aguardando deliberações da Presidente da Republica.

Leis e Diretrizes hoje em dia, é o que mais temos e em se tratando de deficiência, só no município de Campinas temos em torno de 80 (oitenta) leis, o grande problema, no entanto, é o cumprimento dessas leis.

Neste contexto vemos que a inclusão precisa mais do que leis, precisa de políticas públicas eficientes, precisa de conscientização e quebra de paradigmas da sociedade.

## 2 Revisão bibliográfica

A igualdade de condições é uma das premissas da inclusão, o que nos incita a explorar a literatura na tentativa de verificar o real estado da arte acerca deste tema.

Os objetivos dos estudos se difundem, apontando questionamentos a respeito da inclusão dessas crianças no ensino regular, suas dificuldades de interação no meio em que estudam, e as dificuldades encontradas nas famílias, como mencionam Anhão (2010), Falkenbach et al. (2007), Aguiar e Duarte (2005), Luiz (2012) e Vitta et al. (2010).

Os estudos de Caldeira (2010), Boato, Souza e Menegotto (2010), procuram mostrar argumentos de como vencer o preconceito na sociedade, e como as crianças conseguem interagir com a comunidade.

Já Poletto (2007) procurou desenvolver um material didático para que os professores pudessem lidar com as crianças.

Para responder suas perguntas Anhão (2010), Falkenbach et al. (2007), Poletto (2007) e Luiz (2012) realizaram estudos de casos, Caldeira (2010), Boato, Souza e Menegotto (2010) e Aguiar e Duarte (2005) utilizaram questionários de múltiplas escolhas ou qualitativos para tentar entender qual o olhar deles diante dessas adversidades, que o aluno com deficiência enfrenta.

O único estudo que realizou uma pesquisa entre as crianças deficientes, foi o Anhão (2010), que analisou o comportamento e interação delas.

Cada criança foi analisada através de categorias que envolvem o processo de interação social em ambiente escolar. Nos estudos de Caldeira (2010), Eugenia, seu campo de pesquisa foi à revisão bibliográfica, que os norteou em suas conclusões a respeito da inclusão de crianças deficientes. Em outros estudos como o de Vitta et al (2010), Luiz (2012), Poletto (2007), estavam comprometidos no estudo dos relatos das famílias, onde analisaram seus testemunhos, e desenvolveram questionários qualitativos, para dar respaldo a defesa da inclusão.

Em relação aos resultados os que mais nos chamaram a atenção foram os estudos de Aguiar e Duarte (2005) e Luiz (2012) onde os resultados indicaram que para realizar a inclusão os professores necessitam de: a) apoio do governo, no que se refere a oferecimento de cursos de reciclagem; b) auxílio técnico pedagógico especializado; c) estrutura adaptada do espaço físico; e d) material didático adequado.

No estudo de Boato, Souza e Menegotto (2010), os resultados demonstram que as concepções e atitudes dos professores são contraditórias, divididas entre positivas para a inclusão e tendenciosas à segregação e ainda relata sentimentos de desamparo, impotência, e incompetência frente a inclusão. Já Poletto (2007) e Vitta (2010) apontam que, se a criança com deficiência mental for “olhada” como um aprendiz em potencial, que se apropria, apesar do déficit cognitivo, de novos conhecimentos e de conteúdos acadêmicos que antes não se acreditava que a mesma fosse capaz, e ainda, que a criança pode ser contextualizada na interpretação do mundo, os resultados podem ser surpreendentes e deste modo o que antes podia parecer milagre, pode se tornar rotina.

Em suma podemos verificar que os estudos discutem que os professores de Educação Física reconhecem a inclusão como uma necessidade pedagógica, porém a formação continuada e a prática pedagógica carecem de aprendizagens e avanços nessa área.

Os autores ainda sugerem que a inclusão não traz só benefícios para os alunos com deficiência intelectual, mas se estivermos abertos e preparados para recebê-los, todos lucraremos, pois a escola terá que rever seus conceitos e conseqüentemente grandes mudanças surgirão e os alunos aprenderão naturalmente conviver com a diversidade.

Ainda apontam que os professores relatam a importância de serem preparados para receber os alunos, bem como o apoio pedagógico especial, os pais também se posicionaram dizendo sentirem-se mais “seguros” quanto ao processo inclusivo de seu filho, se o aluno tiver a orientação e o amparo de um professor especialista.



Por fim pode-se verificar que referente ao comportamento observado, o grupo de crianças com Síndrome de Down, não apresentou características de interação sociais muito diferentes das crianças com desenvolvimento típicas, reforçando a importância do processo de inclusão escolar desta população.

Percebemos a bárbara realidade dessas crianças, que vivem escondidas em seus mundinhos, onde a sociedade prega a interação, quando na realidade essa falsa moralidade preenche apenas os cadernos, livros e propagandas.

Quando os professores são colocados à frente de alunos com deficiência, a realidade emerge, mostrando o abismo que há entre a literatura e a prática. Por este motivo, a pesquisa tem tanta relevância, pois através dela, esperamos verificar a qualificação dos profissionais, a existência de estruturas adaptadas e a posição da sociedade.

Diante deste cenário a proposta desta pesquisa discorre em torno do problema atual da inclusão de crianças com síndrome de Down em aulas adaptadas e inclusivas.

### **3 Objetivo**

Verificar se a inclusão de crianças portadoras de síndrome de Down realmente é possível nas aulas de Educação Física escolar.

### **4 Método**

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

### **5 Resultados e Conclusão**

Constatamos no presente estudo, que existem instituições que são falhas e que carecem de profissionais especializados para lidar com crianças portadoras de deficiências, no entanto observamos que além dessas ausências, muitos alunos vivem o preconceito arraigado em sua própria família, exigindo também dessas instituições acompanhamento psicológico e social. Entendemos que no papel tudo parece bem pulcro e adiantado, quando na realidade, ainda existe uma distância enorme entre as pessoas ditas “normais” e portadores de algum tipo de deficiência. Por tudo isso, concluímos que, só seria possível a inclusão, com força de vontade e especialização de todos os órgãos envolvidos. Em uma busca constante de pesquisas e adaptações, para que juntos obtivéssemos também, a extinção total do preconceito.

### **6 Considerações finais**

Verificamos a necessidade de uma infraestrutura, de uma inclusão real, de um atendimento especializado e de profissionais qualificados. Contudo não podemos esquecer a importância essencial de materiais. É sabido que já existem cursos especializados para a

qualificação desses professores de Educação Física na região, e existe também o Professor da educação especial, e cada sala que tem crianças com alguma síndrome são acompanhadas por cuidadores dentro das salas de aula, o que pode facilitar o trabalho do professor.

A inclusão de crianças com síndrome de Down nas aulas de Educação Física ou em quaisquer aulas requer preparo, mesmo com tantos benefícios aos alunos, quanto ao seu desenvolvimento cognitivo, social, e sua interação com outros alunos e com a sociedade em si, nos deparamos com uma população ainda despreparada para recebê-los e aceita-los.

Cabe aos órgãos públicos desenvolver e programar, políticas públicas eficientes, capazes de analisar os problemas vivenciados por eles, discutir, planejar e principalmente executar ações a fim de solucionar pelo menos o que diz respeito a infraestrutura, materiais e formação especializada aos professores.

A resposta a nossa pergunta é sim! É possível a inclusão de crianças portadoras de síndrome de Down nas aulas de Educação Física, desde que mudanças sejam feitas, preconceitos extintos, e desde que existam órgãos públicos capazes de cobrar o real cumprimento de todas as nossas legislações, que foram alcançadas no decorrer da história, tentando pelo menos amenizar a diferença, de pessoas que ainda vivem escondidas, debaixo do tapete, sem voz para pedir socorro.

## **Referências**

ANHÃO; G., P., P.; PFEIFER; L., I.; SANTOS; L., J. **Interação social de crianças com síndrome de dow na educação infantil**; Revista Brasileira de Educação Especial; Marília; v.16, n.1, p.31-46, Jan.-Abr, 2010.

BARBOSA; A., C. **A Inclusão de crianças com Deficiência na Escola Comum: É possível?** Trabalho de conclusão de curso; Unicamp; Campinas, 2006.

FALKENBACH et al. **A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil**; v.13, n. 02, p.37-53, maio/agosto; Porto Alegre; 2007.

CALDEIRA; M., F., L; CAVALARI; N. **Dificuldade de aprendizagem com deficiência Intelectual**; Caderno multidisciplinar de pós graduação da UCP; Pitanga; v.1, n.4, p.38-47, abr, 2010.

EUGÊNIA. **Educação Física e Inclusão: Considerações para prática pedagógica na escola**; Paraná, 2005.

AGUIAR; S., J.; DUARTE; E. **Educação Inclusiva: um estudo na área de Educação Física**; Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, Mai-Ago, v.11, n.2, p.223-240, 2005.

POLETO. **Inclusão de alunos com deficiência mental na rede regular de ensino**. Curitiba; 2008.

SOUZA; P., K., G; BOATO; M., E. **Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física do ensino regular: concepções, atitudes e capacitação dos professores**, 2009.

MENEGOTTO; O., M., L.; et al. **Inclusão de alunos com síndrome de Down: Discurso dos professores**; Revista de Psicologia; v.22; n.1; p.155-168; jan/abr; 2010.

LUIZ; R., M., F.; NASCIMENTO; C., L. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down: Experiências contadas pelas famílias**; Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.18, n.1, p. 127-140, Jan.-Mar., 2012.

VITTA et al. **Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência**; Revista Brasileira de Educação Especial., Marília, v.16, n.3, p.415-428, Set.-Dez., 2010.

LIMA; C., P. **Inclusão de alunos com necessidades especiais nas salas de ensino regular: um estudo sobre o que pensam os professores**; Unicamp; p. 01-83; Campinas, 2004.

## LUTAS, ESPORTES DE COMBATE E ARTES MARCIAIS- VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Daniele Liasch de Moura<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

As lutas apesar de serem prescritas nos PCN'S como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar tem sido fruto de divergências entre os profissionais da área. Mesmo sendo conteúdo próprio da disciplina muitos professores não sabem como ministrar esta matéria em suas aulas. O objetivo do presente estudo foi analisar se os professores utilizam lutas como conteúdo nas aulas de Educação Física. Para isso realizamos uma pesquisa quantitativa com sete professores da cidade de Nova Odessa através de um questionário. Os resultados mostram que parte dos professores pouco utiliza da prática de lutas nas aulas, outros docentes não utilizam sobre a justificativa que este conteúdo insita a violência. Entretanto a literatura refuta estas posições e deste modo nos permite sugerir que o conteúdo das lutas são de grande valia para a disciplina Educação Física o que justifica a sua utilização nas aulas. As lutas são tidas como uma manifestação cultural do movimento corporal, o que permite que o professor não precisa ser especialista. Uma alternativa posta na literatura é trabalhar as lutas de forma lúdica. Com base no exposto podemos aventar que os professores façam uma reciclagem para se atualizar ao conteúdo das lutas o que daria a possibilidade de utilizar este tema de maneira criativa durante as aulas e ainda compreender que esta vivencia é importante e possível para desenvolvimento dos aspectos pedagógicos da escola.

**Palavras-chave:** Educação Física, Lutas e Vivências.

### ABSTRACT

*The struggles despite being prescribed in PCN'S as a subject in school Physical Education classes have been the result of disagreements among professionals. Even though discipline of content itself many teachers do not know how to teach the subject in their classes. The aim of this study was to analyze if teachers use fights as a subject in physical education classes. For this we conducted a quantitative survey with seven teachers of Nova Odessa through a questionnaire. The results show that the teachers just use the practical struggles in class, other teachers do not use the rationale that this content violence. However literature refutes these positions and thus allows us to suggest that the content of the struggles are of great value for Physical Education which justifies its use in the classroom. The fights are regarded as a cultural manifestation of the body movement, allowing the teacher does not need to be an expert. An alternative put in the literature is to work fights in a playful manner. Based on the above we can a guess that teachers do a refresher to update the content of the struggles which would give the possibility to use this theme creativity way during classes and still understand that this experiences is important and possible to develop the pedagogical aspects of school.*

**Keywords** Physical Education, Struggles and Experiences.

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [dani\\_liasch@yahoo.com.br](mailto:dani_liasch@yahoo.com.br))

<sup>(2)</sup> Prof. Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

## 1 Introdução

Muito se fala da Educação Física Escolar, porém poucos professores ainda entendem essa denominação dentro da escola, usando a Educação Física como um parâmetro a formar atletas, ou simplesmente não fazer muita coisa a não ser utilizar os jogos mais populares como, futebol, voleibol, basquetebol e handebol. Isso mostra a forma como os professores estão dando seguimento as aulas ao que se refere as práticas não só esportivas como educativas nas atividades de Educação Física, a prática corporal vem sendo cada vez menos empregada nas aulas, o que leva os alunos a se disporem cada vez menos das práticas corporais, uma dessas práticas é as lutas na Educação Física Escolar, que é pouco ou nada utilizada durante as aulas e é proposto no Parâmetro Curricular Nacional, ( PCN`S).

A Educação Física que queremos dentro da escola é uma Educação Física de qualidade, porque “a falta de criatividade é um dos grandes empecilhos para a Educação Física de melhor qualidade” (FREIRE, 2010.) e quando não são bem utilizados nas práticas corporais os alunos acabam tendo uma deficiência quanto ao seu desenvolvimento. Como proposto pelo PCN`S e sempre dispondo de novos conteúdos ao que se refere a essas práticas e atingir os objetivos gerais dentro da área de Educação física Escolar.

“O ato de conhecer é tão vital quanto comer e dormir, e eu não podemos comer ou dormir por alguém, assim, a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim, VIDA, aqui e agora. Nada vale esse enorme esforço para alfabetizar se a aprendizagem não for significativa”. (FREIRE, 2010)

Entende-se como lutas no dicionário como “combate de dois atletas, corpo a corpo, e sem armas”. Sendo proposto pelos PCN`S, as lutas fazem sucesso em qualquer faixa etária, podendo ser aplicada desde o Ensino Infantil ao Ensino Médio, além disso as lutas tem a possibilidade de trabalhar todos os fatores motores e psicomotores, dando assim maior amplitude as práticas podendo também auxiliar em outras práticas lúdicas ou esportivas na escola, sendo um grande auxílio pedagógico pois trabalha também toda a questão cultural, social, filosófica e histórica.

“O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definido como jogo, esporte, dança, luta e ginástica” (DAOLIO, 2004).

No Ensino Superior só aprendemos superficialmente sobre modalidades, por isso como conteúdo esportivo seria impossível durante a graduação aprender todas as modalidades diferentes de lutas, mesmo se fossem “apenas” modalidades olímpicas, as lutas dentro do contexto escolar deve ser levada de forma lúdica, incorporando a prática em forma de jogos e brincadeiras durante as aulas, pois é necessário que a criança ou o adolescente construa movimentos corporais, o professor deve utilizar da criatividade nas atividades propostas, pois o aluno independente de sua faixa etária praticam as atividades com muita intensidade, principalmente quando interagem com a aula ministrada.

Porém ao que se refere a prática das lutas na escola existe ainda um pouco de resistência por falta de conhecimento da escola como um todo, dos alunos, pais e professores, que veem as lutas como uma forma violenta e agressiva e que não deveria ser ensinado dentro de um ambiente escolar, alguns professores apesar de gostarem do tema e que utiliza-lo não sabem como, o que se tem de conceito é que os alunos podem ficar mais agressivos, a prática das lutas na escola de forma correta pode diminuir a agressividade entre os alunos, sendo ensinadas de forma lúdica as lutas ainda empregam valores que devem ser trabalhados pelos

professores, como o respeito ao superior, aos colegas e ao seu adversário, tendo conteúdos históricos e filosóficos também a serem trabalhados durante as aulas, a organização, e aprendizagem em saber ganhar e perder, onde não é o mais forte, mais ágil ou mais veloz, e sim aquele que leva as práticas a sério, sendo em jogos e brincadeiras escolares durante as aulas, ou o treinamento nas práticas esportivas, levando a construção do caráter e ética do aluno.

## 2 Revisão bibliográfica

Para o ensino das lutas na escola existe uma definição escrita nos PCN'S:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de equilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Constituem-se em um vasto conjunto de manifestações culturais históricas, que deve ser aprendido. Importante é, também por esse motivo, diversificar as lutas, não reduzindo o ensino a uma ou duas modalidades. Nesse ponto o professor que trabalha de forma extracurricular tem uma importância muito grande, pois oportuniza maior variedade de modalidades de lutas. (Brasil, 1998).

Não à como ser preciso em quando ou de que forma as lutas tiveram origem, não é uma situação isolada como se começasse com um grupo, uma nação ou por apenas duas pessoas, em textos Bíblicos as lutas começavam com pelejas entre nações por território, alimento, etc. eram basicamente por necessidades pessoais. As lutas também eram descritas em grandes impérios como Egito, Pérsia, Grécia, Roma, entre outros, mas a origem das lutas ainda é uma incógnita para muitos estudiosos, para cada povo, cada cultura as manifestações corporais se diferem muito, cada povo com a sua particularidade nas manifestações corporais de lutas.

Natali (1981), afirma que os primeiros registros são datados por volta de cinco mil anos A.C., uma arte marcial denominada Vajramushti, palavra originada do sânscrito que, na tradução literal significa “punho real” ou “punho direto” e provavelmente uma das lutas mais antigas que se tem origem conhecida. De origem indiana, essa arte marcial fazia parte da educação militar da realeza, em especial príncipes envolviam técnicas de combate, meditação e estudos variados, entre os praticantes mais ilustres registros indicam que Buda (Sidarta Gautama), que era príncipe guerreiro teve o aprendizado do Vajramushti.

Na China e na Índia, surgiram as primeiras manifestações de combates organizados, porém muito se perdeu na história e no tempo, isso porque muitos mestres não passavam todo o seu conhecimento para seus discípulos, como as modalidades, estilos, sistemas, além disso, não existiam muitos registros na época, já que era passado de pai para filho e de mestre para discípulo, e na maioria das vezes de forma oral. Conta-se que o médico herbalista chamado Hua Tuo, no século I, criou uma série de exercícios lentos e suave chamado U TCHIN SHI (jogo dos 5 animais e as aves), o intuito desses movimentos era o fortalecimento do corpo e o relaxamento das tensões musculares, que conjugados com outros semelhantes, entre eles o PA TUAN CHIAN ( 8 peças de seda) compõe o CHI KUNG. Mais tarde um monge indiano chamado BODHIDHARMA (TA MO em chinês), ingressou no mosteiro Shao Lin, notando a vida ociosa dos monges, instituiu um programa de exercícios físicos para eles, presumidamente baseados no Yoga indiano, estes exercícios eram registrados em um livro, o Yin Gin Ching. Mais tarde em virtude da luta entre Chings ( Manchu) e Mings (rebeldes), o mosteiro Shao Lin de Ho Nan (norte) foi incendiado, esta mudança trouxe o que se conhece no ocidente por Kung Fu, constituindo mudanças em dois métodos de técnicas Shao Lin, os ataques de longa distancia são derivados do norte, e os de curta distancia derivados do sul.

O Kung Fu por sua vez, se tornou um estilo de luta completo, por ser o mais antigo datado e registrado, ele deu origem a maioria das artes marciais tradicionais conhecidas atualmente, os chineses acabaram difundindo as técnicas desenvolvidas no templo Shao Lin, o Kung Fu em outros territórios chineses, e também em outros países como a Coreia, Malásia, Indonésia e o Japão, onde novas artes foram surgindo a partir do kung Fu, como o jiu-jitsu, caratê, judô, etc., no oriente as lutas foram muito influenciadas pelo Budismo, e neste período surgiram lutadores sábios como, Sun Tzu com as suas estratégias militares e Miyamoto Musashi um dos mais famosos samurais do antigo Japão, os dois escreveram clássicos de guerra utilizados até hoje em grandes Universidades, como a de Administração de Empresas da Universidade de Harvard.

No ocidente os primeiros relatos de lutas corporais foram registrados em povos como os Gregos, eles obtinham uma luta chamada pancrácio, uma modalidade presente nos jogos olímpicos da antiguidade, já para os romanos eram denominados gladiadores, já se utilizando as técnicas de lutas a dois ou em conjunto durante os jogos do coliseu. No final do século XIX e início do século XX alguns ingleses e norte-americanos começaram a prender artes marciais japonesas como, judô e caratê, após o final da Segunda Guerra Mundial em 1945 os norte-americanos começaram a difundir as lutas orientais para o ocidente. Nos dias de hoje existem vários sistemas para a origem das lutas orientais, como: Wushu (Kung Fu), Tai Chi Chuan, Sanshou, Judô, Jiu Jitsu, Aikido, Tae- Kwon-Do, Jet- Kun- Do, Kendo, Hapkido, entre outros. E os ocidentais como: Boxe, Esgrima, Kick- Boxe, Capoeira, Greco- Romana, etc. Nos Jogos Olímpicos estão presentes o boxe, a esgrima, judô, luta estilo livre, luta Greco-romana e taekwondo.

As lutas estão praticamente o tempo todo no cotidiano das pessoas, os desenhos animados japoneses chamados de animes trazem muito dessa cultura da luta corporal incorporando também a filosofia oriental e que fizeram muito sucesso desde o início dos anos 80, como: Yu Yo hakusho, Dragon Ball, Inuyasha, Cavaleiros do Zodíaco, Jaspion, entre outros. Logo vieram também os programas de lutas ocidentais como, Power Rangers, Batman, Capitão América, etc., também no embalo vieram os jogos de vídeo- game como Street Fighter e Mortal Kombat, que simplesmente era a sensação dos jovens, e filmes que também enchem a imaginação de crianças, jovens e adultos, como: O Grande Dragão Branco, Rajada de Fogo, Esporte Sangrento, Rocky, Karate Kid, etc., nos tempos modernos o que enchem os olhos de uma grande parte das pessoas são as lutas transmitidas pela mídia como o MMA. As lutas infelizmente perderam um pouco do seu sentido tradicional e filosófico e estão sendo associadas a violência gratuita e isso é o que muitos educadores não só da área de Educação Física, como profissionais da educação e pais relutam quanto a aprendizagem de lutas na escola, levando ao pensamento que esse ensino estaria desencadeando ainda mais violência dentro das escolas, muito por falta de conhecimento do que realmente seria o ensino das lutas no ambiente escolar.

Após nossa revisão algumas questões emergem : O professor utiliza das lutas em suas aulas como proposto pelos PCN`S? Consideram a prática das lutas importante para as aulas ? e por fim, como utilizam dessas práticas?

### **3 Objetivo**

Analisar o quanto os professores compreendem sobre as lutas na Educação Física Escolar, e de que forma eles aplicam ou aplicariam em suas aulas, visando se compreendem a importância desta prática ao ensino e aprendizagem.

#### **4 Método**

Para avaliar a questão da importância desta aprendizagem foi utilizando uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo com perguntas abertas e fechadas a respeito do tema.

Participaram do estudo 7 professores, sendo 2 do Ensino Fundamental I e 5 que ministram aulas no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, da cidade de Nova Odessa e Americana, aos quais responderem um questionário com 4 perguntas, sendo 2 fechadas e 2 abertas.

#### **5 Resultado e Conclusão**

Ao analisar o questionário verificou-se que os professores que tem maior dificuldade em inserir as lutas nas aulas de Educação Física se formaram antes da década de 90, 5 professores trabalham com o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, 2 professores trabalham com o Ensino Fundamental I.

A primeira pergunta é se o professor trabalha o conteúdo de lutas na escola em suas aulas. Respondendo que o conteúdo não faz parte do planejamento anual da instituição, que existe professor específico para cada modalidade, ou como pré-desportivo, porém consideram importante o conteúdo descrevendo que deve ser trabalhada a cultura corporal dessa forma melhorando o seu desempenho na escola e de sua vida social. Poucos são os professores que trabalham lutas de forma lúdica na escola, não porque não se interessam, mas não tem conhecimento o suficiente para passar conhecimento aos alunos, e esses tem interesse nessas aulas.

Seguindo a pesquisa a segunda pergunta aberta é se eles consideram importante a inclusão das lutas nas aulas de Educação Física, todos os professores pesquisados responderam que sim, que este incluso nas apostilas e que podem ser trabalhados com jogos e brincadeiras, que a prática ajuda a melhorar a parte cognitiva e motora, auxiliando no desenvolvimento da criança e melhorando a do adolescente, sendo um instrumento para agregar conhecimento, ajudando na unidade dos alunos como trabalhar em grupo e a consciência de que a luta não é briga, porém devem ser discutida, e se não forem bem trabalhadas podem incitar a violência.

#### **6 Considerações Finais**

O que podemos observar é o interesse dos professores de proporcionar aos alunos práticas diferentes do que eles estão acostumados nas aulas de Educação Física Escolar e as lutas é uma delas.

Os professores pesquisados apesar de serem muito abertos a essa prática na escola também se mostram apreensivos, pois não sabem como ministrar essas aulas na prática e não possuem o conhecimento para essas aulas, pois técnica para as lutas é tudo, mas não é só a técnica que fará um diferencial nas aulas na escola e sim a compreensão de como ministrar essas aulas, principalmente no quesito de não haver perdedores ou vencedores, e não tratar essas aulas como um esporte, principalmente porque o problema não esta localizado no esporte, e sim nas formas inadequadas das aulas, por isso para aplicar as lutas na escola deve se obter um melhor processo de ensino e aprendizagem, de forma organizada e não dogmático, por isso a maior parte dos professores apesar de acharem as lutas interessantes para serem ministrados na escola apenas passa este conteúdo em vídeos, explicam em sala de



aula, ou passam pesquisas sobre o assunto, por vezes chamam algum profissional da área para fazer alguma apresentação na escola.

Mas como prática corporal podemos sugerir que as Lutas, Esportes de Combate e Artes Marciais, ainda é muito deficiente na prática escolar, por isso se faz necessário que os professores façam uma reciclagem para utilizarem este conteúdo de forma mais criativa nas aulas e compreender que a vivência é importante para a formação e desenvolvimento do aluno quanto as práticas pedagógicas.

## Referências

AGUIAR, C.; **A Legitimidade das Lutas: Conteúdo e Conhecimento na Educação Física Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física. UNICAMP, Campinas-2008.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.

BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R.R. *Pedagogia do Esporte Aplicado as Lutas*. São Paulo, Phorte, 2010. 160 p.

CAZZETO, F. F. Lutas Artes Marciais na Educação Física Escolar: A Produção Científica do COMPEFE 2009; **Efdeportes.com Revista Digital**. Buenos Aires, nº138, ano 14, Nov. 2009. <http://www.efdeportes.com/efd138/lutas-e-artes-marciais-na-educacao-fisica-escolar.htm>.

CORRÊA, A. O.; QUEIROZ, G.; PEREIRA, M. P. V. C.; **Lutas Como Conteúdo na Educação Física escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, Módulo Centro Universitário; Caraguatatuba- SP; dez-2010.

DAOLIO, J. *Educação física e o conceito de cultura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FERREIRA, S. H. As Lutas Na Educação Física Escolar; Universidade estadual do Ceará-Fortaleza- CE, **Revista de Educação Física. Fortaleza**, nº 135, p. 36-44, Nov. 2006.

FREIRE, J.B.; *Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física*, 5ª Edição, 2010, p.199

GOMES, M. S. P.; **Procedimento Pedagógico para o Ensino das Lutas**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas- 2008.

Hu, D. **Punhos da Serpente Sagrada: Associação de Kung Fu Tradicional da Família Hu.**[S/A].

NASCIMENTO, P. R. B. ALMEIDA, L.; **A Tematização Das Lutas Na Educação Física Escolar: Restrições e Possibilidades**; Movimento. Porto Alegre, v.13, n.03, p. 91-110, Set / Dez. 2007.

NASCIMENTO, P. R. B.; *Organização e Trato Pedagógico do Conteúdo de Lutas na educação Física Escolar*. **Motrivivência**, ano XX, nº 31, p. 36-49, Dez-2008.

NATALI, M. Dicionário Ilustrado de Budô: Artes Marciais do Oriente.1, Ed. Rio de Janeiro: Ediouro- Tecnoprint, 1981.

ORTEGA, E. M.; **As Lutas e suas Relações com a Educação Física Escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso, UNICAMP, Campinas-1998.

Portal Google Blog Pessoal Francisco. Disponível em <<http://blogpessoalfrancisco.blogspot.com.br/2012/06/lutas-nos-parametros-curriculares.html>> 08 Out2015. Acesso em: 14:27.

SO, M. R.; BETTI, M.; **Saber ou Fazer ? O Estudo de Lutas na Educação Física Escolar.** UNESP- Bauru- SP.

SOUZA, A. J. D. V.; **As Lutas Como Proposta Pedagógica na Educação Física Escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade estadual da Paraíba, Campina Grande- PB; nov- 2012.

## A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DA REDE PARTICULAR DE ENSINO

Fabiana Antonia Negrão <sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira <sup>(2)</sup>

### RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar qual a concepção que professores atuantes na Educação Física Infantil da rede particular de ensino, possuem sobre a avaliação, se a compreendem como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, como realizam essas avaliações e se ela ocorre na prática assim como é descrita e recomendada nas diretrizes da área. Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica e pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores, além de observações em aulas práticas e teóricas. Participaram do estudo X professores, das cidades de Nova Odessa-SP e Sumaré-SP, os quais responderam um questionário com V perguntas, sendo II fechadas e III abertas. As análises do estudo de campo foram possíveis a partir das apreciações postas na literatura acerca da compreensão e da discussão sobre avaliação no contexto escolar e na Educação Física Infantil. O presente estudo teve a intenção de investigar ampliando o conhecimento sobre avaliação e seu papel como instrumento mediador do processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Avaliação - Educação Física - Educação Infantil.

### ABSTRACT

*This work was developed in order to analyze what the conception that teachers working in Early Childhood Education Physics of private schools, have on the evaluation. To include as part of the process of teaching and learning, how they perform these reviews and if it occurs in practice as it is described and recommended guidelines in the area. To answer our question use of a literature review and qualitative field research with questions on the subject teachers, as well as observations in practical and theoretical classes. Participated in the X study teachers, the cities of Nova Odessa-SP and Sumaré-SP, who answered a questionnaire with questions V, II and III closed and open. Analyses of the field study were possible from the assessments made available in the literature about the understanding and discussion of evaluation in the school context and Children's Physical Education. This study set out to investigate expanding knowledge about assessment and its role as a mediator instrument of teaching and learning process.*

**Keywords:** Evaluation - Physical Education - Early Childhood Education.

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: biazinha\_negrao@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacoboliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

A avaliação é um tema polêmico nas instituições escolares e é fruto de inúmeras discussões também na Educação Infantil.

Segundo a Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), é a partir das interações, relações e práticas cotidianas vivenciadas, que as crianças constroem sua identidade pessoal e coletiva. O objetivo da Educação Infantil é promover o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O acesso à Educação nessa faixa etária deve ser oferecido em creches e pré-escolas, que se caracterizem como espaços institucionais não domésticos públicos ou privados, com jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino.

A LDB. 9394/96 garante que a Educação Física faça parte do componente curricular da Educação Infantil, devendo estar integrada à proposta pedagógica da escola inclusive no que tange à avaliação. Como descrito no Artigo 24 da LDB. 9394/96, a avaliação deve ser realizada de forma contínua e cumulativa em relação ao desempenho do aluno.

Para Bloom (2012) a avaliação no contexto escolar pode ser realizada de três formas: (1) **Diagnóstica**, permite detectar a existência ou não de pré-requisitos necessários para que a aprendizagem se efetue; (2) **Formativa**, consiste no fornecimento de informações que orientam o professor na busca de melhoria do desempenho dos estudantes durante todo o processo de ensino e aprendizagem e (3) **Somativa**, implica no fornecimento de informações a respeito do valor final do desempenho do aluno, tendo em vista a decisão de aprovação ou reprovação.

Para que a avaliação seja utilizada de forma correta, o professor primeiramente deve ter claro os objetivos a serem atingidos, assim poderá fazer intervenções durante as aulas e utilizar o processo avaliativo de forma coerente. Na Educação Infantil o objetivo geral da Educação Física é trabalhar a cultura do movimento por meio de vivências corporais, permitindo que a criança se conheça, reconheça sua própria identidade e perceba-se como um ser único, complexo e individual. Jogos e brincadeiras devem ser utilizados pelos professores como elementos metodológicos e trabalhados de forma Conceitual, (o saber sobre as praticas corporais), Procedimental (o saber das praticas corporais) e Atitudinal (o saber relacionar-se nas praticas corporais), permitindo que as crianças se apropriem das manifestações culturais, relacionando a cultura infantil com as praticas corporais.

Sendo assim, é a partir dos objetivos a serem atingidos pela Educação Física na Educação Infantil, que o professor deve utilizar a avaliação como forma mediadora do processo de ensino e aprendizagem, acompanhando, registrando o desenvolvimento e utilizando deste meio para auxiliar na evolução da criança, sem objetivo de classificação ou promoção para o acesso ao ensino fundamental.

Entretanto durante o cumprimento do estágio obrigatório para o curso de Licenciatura em Educação Física, observamos, in loco, que nenhuma avaliação era solicitada na disciplina de Educação Física na Educação Infantil. A partir disso, começamos a questionar sobre quais os métodos utilizados pelos docentes para avaliar os discentes desta faixa etária.

## 2 Revisão bibliográfica

Identificar as necessidades das crianças e ter a possibilidade de intervir a fim de promover o desenvolvimento apropriado, nos parece um bom argumento para que a avaliação

seja realizada na Educação infantil. Entretanto quando o tema é abordado, inúmeras dúvidas e equívocos emergem e são aparentes na bibliografia da área.

Em síntese a literatura revisada sobre a avaliação na Educação Física Infantil, demonstra que os professores apresentam conhecimento sobre o processo de escolarização da educação infantil no Brasil, porém quando se fala em avaliação podemos perceber que mesmo onde ela é utilizada periodicamente, existem professores que não a entendem como mediadora do processo de ensino aprendizagem. Através de estudos, como o de Zanata (2012), Watzel (2012) e Sousa (2013), observamos que alguns professores utilizam a avaliação apenas para cumprir a exigência da escola ou da secretaria de ensino. Fernandes e Greenville (2007) descrevem que ao mesmo tempo em que há um avanço na área pedagógica da avaliação do ensino em Educação, encontra-se ainda metodologias avaliativas classificativas utilizadas pelos professores de Educação Física que não podem ser consideradas como avaliação. Segundo Melo (2011) alguns professores ao escolherem os critérios e instrumentos de avaliação, apontam preferência para a observação da participação e envolvimento em aula, demonstrando a preocupação em diversificar as técnicas de avaliação. Esses sinais evidenciaram mudanças na prática avaliativa, pois demonstram também que a avaliação não mais é planejada somente sob o foco da medição e quantificação de resultados de desempenhos físicos.

Entretanto ainda existe pouca diversificação dos critérios de avaliação e escassez de estratégias para avaliar de maneira coerente o processo de ensino e aprendizagem. Luckesi (2006), aponta que ainda permanece em muitas escolas modelos classificatórios de avaliação, onde é feita a comparação do desempenho e da evolução do aluno um com o outro e não dele com ele mesmo. Estes modelos se caracterizam como excludentes, pois seu interesse está voltado apenas para a classificação e não para o processo de aprendizagem pelo qual o aluno está inserido, visando apenas resultados de notas, aprovação e reprovação. Desta forma acabam até prejudicando o acesso desses alunos no próximo ano letivo.

Os olhares educacionais começaram a se voltar também para a faixa etária da Educação Infantil, por entenderem que esta além de ser o primeiro contato com o sistema de escolarização é também uma fase de extrema importância na formação do sujeito, onde ocorre a constituição de personalidade e a definição do caráter.

Na Educação infantil de acordo com a LDB Lei 9.394/1996 Art. 31. a avaliação deve ser realizada mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, classificação ou valorização, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

A avaliação na Educação Infantil apresenta um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois é um instrumento para que o professor saiba se o trabalho desenvolvido durante as aulas atingiu o objetivo esperado ou se seria necessário escolher outros métodos de ensino. Both (2011) sugere que é necessário o trabalho de iniciação da valorização da função da avaliação na Educação Infantil, para que assim não nos depararemos futuramente com estudantes que temem a avaliação e não a entendem como parte da aprendizagem, por terem sido avaliados apenas de maneira seletiva.

Após análise da literatura, a inquietude sobre o estado real da avaliação, nos levou a perguntar se a avaliação na Educação Física Infantil vem sendo realizada na prática, assim como é descrita na teoria.

### 3 Objetivo

Analisar qual a concepção de avaliação de professores de Educação Física na Educação Infantil, verificar se tais professores compreendem a avaliação como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem e se ela ocorre na prática assim como é descrita e recomendada nas diretrizes da área.

### 4 Método

Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos professores, além de observações em aulas práticas e teóricas.

Participaram do estudo dez professores da rede particular de ensino infantil, das cidades de Nova Odessa e Sumaré, os quais responderam um questionário com perguntas, fechadas e abertas.

### 5 Resultados e Conclusão

Ao analisarmos as respostas dos professores observamos na primeira pergunta “A escola solicita algum tipo de avaliação na Educação Física”, que entre os dez professores, quatro responderam sim e seis responderam não. Na segunda questão “Se sim, como ela é feita” os quatro professores que responderam sim na questão anterior disseram que a avaliação é realizada através de relatórios onde descrevem o desenvolvimento das crianças.

Seguindo com a pesquisa, na terceira pergunta “Você utiliza algum instrumento para avaliar a aprendizagem dos alunos”, um professor disse utilizar de apresentações em grupos, já outro falou que não utiliza nenhum instrumento específico, quatro dos professores entrevistados responderam utilizar observação e relatórios, três utilizam apenas observação como instrumento de avaliação e um professor disse utilizar observação e comparação de dados.

Nossa quarta pergunta questionava “Quais são os critérios utilizados para avaliar”, um professor respondeu avaliar o ritmo e os exercícios individuais e em grupo, outro respondeu não ter critérios específicos para avaliar e que apenas observa os alunos durante as aulas, dois professores disseram utilizar como critério a evolução individual de cada criança, ou seja, a evolução dela com ela mesma, um respondeu que avalia a construção corporal durante as aulas fazendo interferências pontuais quando necessário, já os outros cinco utilizam como critério de avaliação o desenvolvimento motor e a superação dos alunos durante as aulas.

Na quinta e última questão “Em sua opinião a avaliação na Educação Física Infantil contribui com o processo de ensino aprendizagem”, todos os professores responderam que sim, sendo que entre eles um acrescentou a resposta dizendo que a avaliação além de desenvolver as habilidades motoras, sócio afetivas, permite que se faça um paralelo com os resultados das outras disciplinas, outro acredita que avaliação contribui com o processo de aprendizagem e por fim um professor disse que a avaliação contribui com o planejamento da aula, deixando o conteúdo mais específico e beneficiando a aprendizagem dos alunos.

Analisando os resultados verificamos que existe uma lacuna entre a literatura e o real estado da avaliação na Educação Física Infantil. Apesar de a avaliação constar na LDB como sendo obrigatória nesta faixa etária, verificou-se que a maioria das escolas não a solicita. E onde ela é solicitada, constatou-se que ainda há um equívoco por parte dos professores em

relação ao processo avaliativo. Mesmo com todos os entrevistados acreditando que a avaliação contribui com o processo de ensino e aprendizagem, ela ainda é realizada por alguns discentes apenas através de observação ou de forma classificatória, o que não garante resultados satisfatórios sobre a aprendizagem dos alunos.

Diante do exposto podemos sugerir que a avaliação apesar de ser muito importante na formação do indivíduo no processo de escolarização, ainda não é trabalhada pelo professor de forma que permita identificar os saberes e as dificuldades que o aluno apresenta.

## 6 Considerações finais

A avaliação deve promover oportunidades iguais de aprendizagem, respeitando as diferenças e os diversos caminhos que levam ao conhecimento. O papel do professor é ser o agente desses caminhos, orientando os alunos e garantindo que todos tenham o mesmo direito e acesso a aprendizagem.

No processo avaliativo torna-se necessário que os professores tomem consciência de que tal procedimento é importante tanto para o bom desenvolvimento do seu trabalho, ensino, como também na aprendizagem do educando. Considerando que este é um momento no qual a ação de reflexão se fará presente permitindo a construção do conhecimento, a função da avaliação deve ser clara tanto para o professor quanto para o aluno.

Na Educação Infantil a avaliação é fundamental para o planejamento, pois contribui com a identificação das aprendizagens individuais e coletivas da criança, norteando o professor para tomada de decisões durante as diversas situações de aprendizagem, além de orientar para as futuras intervenções. Não há necessidade que a avaliação seja pautada em notas, uma vez que seu objetivo é perceber o desenvolvimento individual e global dos alunos de forma contínua.

Após os resultados podemos sugerir que as instituições de Ensino Infantil, se atualizem quanto às Diretrizes Curriculares Nacionais da área e que os professores de Educação Física modernizem seus conhecimentos junto à literatura, onde temos descrito de forma clara os métodos de avaliação que devem ser utilizados. Sugere-se que o processo seja realizado a partir de uma observação cuidadosa, sistemática, participativa e através de diversos tipos de registros, como por exemplo, relatórios descritivos, fichas individuais, desenhos contendo a grafia narrativa explicativa da criança, entre outros. O professor deve fazer a ponte entre a teoria e a prática buscando explorar os métodos mais adequados de avaliação em Educação Física Infantil.

## Referências

AUGUSTO, L. O.; OLIVEIRA, T. A. **Avaliação, problema meu, problema seu, problema nosso**. Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física. Faculdade Network. Nova Odessa, SP. 2014.

BOTH, I, J. **Avaliação: "voz da consciência" da aprendizagem**. Curitiba: Ibplex, 2011. Série Avaliação Educacional.

BOTH, I, J. Ensinar e avaliar são de domínio público: resta saber se ensinar avaliando e avaliar ensinando também o são. **Revista Histedbr on - line**, Campinas, n.18, p. 54 - 64, 2005.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da República do Brasil]**, Brasília, DF, v.134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834 – 27841.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação**. Brasília: MEC/SEB 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação infantil: subsídios para construção de uma sistemática de avaliação**. Documento produzido pelo Grupo de Trabalho instituído pela Portaria número 1.147/2011, do Ministério da Educação. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=11990&Itemid=>](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=11990&Itemid=>)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

FERNANDES, S.; Greevile, R. **Avaliação da aprendizagem na educação física escolar**. Porta Aberta. Motrivência Ano XIX, n. 28, p. 120-138, 2007.

FRÓES JUNIOR, E. G.; RODRIGUES. D. M.; RODRIGUES, J. M.; OLIVEIRA, D. A. S.; VELOSO SILVA, R. R.; MEDEIROS, D. S. **Avaliação: desafios e perspectivas para Educação Física escolar**. IV EDIPE. Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino. 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18 ed. São Paulo, Cortez, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2011

SOARES, L. S. *et al.* **Coletivo de autores: Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

WATZEL, N. **Avaliação na disciplina de Educação Física na Educação infantil: Concepção dos professores**. Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em educação Física. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, SP, p.01- 42, 2012.



## PORQUE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SÃO DESMOTIVANTES?

Maria Janaina de Oliveira <sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira <sup>(2)</sup>

### RESUMO

O objetivo desse trabalho é identificar os principais motivos que desmotivam os alunos de participarem das aulas de Educação Física no ensino médio em escolas públicas da rede municipal da cidade de Americana, para isso foi aplicado um questionário contendo seis perguntas, com o intuito de identificar os principais motivos e saber a opinião dos alunos relacionada a falta de interesse e desmotivação na prática das aulas de Educação Física. Com a análise dos dados foi possível verificar dentre as respostas que um dos fatores determinantes para a desmotivação dos alunos se da ao fato do insucesso ao realizar bem a atividade proposta e outro fator se da quando são proferidas palavras que infeiorizam ou recriminam o aluno quando a não execução correta do exercício. Diante destas observações podemos sugerir que o professores responsáveis pela disciplina podem e devem intervir para que o aluno não seja excluído e conseqüentemente se desmotive.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, desmotivação e exclusão.

### ABSTRACT

The objective of this study is to identify the main reasons that discourage students from participating in Physical Education classes in high school in public municipal schools of the city of Americana, for it was applied a questionnaire with six questions, in order to identify main reasons and getting feedback from students related to lack of interest and motivation in the practice of physical education classes. With the analysis of the data it was verified from the answers that one of the determining factors for demotivate of students of the fact that the failure to well perform the proposed activity and the other factor is the when uttered words that inferior or reproach the student when not correct execution of the exercise. In view of these observations we suggest that teachers responsible for the discipline can and should intervene so that the student is not excluded and consequently if demotivated.

**Keywords:** Physical Education, motivation and exclusion.

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: maria\_janaina240@hotmail.com).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: tacooliveira@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

O Ensino Médio é a fase onde ocorre o término da educação básica e inicia-se uma grande preocupação com o vestibular e o primeiro emprego. Este período, que deveria ter como objetivo primordial formar cidadãos críticos, participativos e conscientes de seu papel na sociedade, muitas vezes, apenas reproduz os interesses da sociedade capitalista, como os citados acima.

Os alunos do ensino médio, em sua maioria são adolescentes, ou seja, estão passando por transformações psicológicas, físicas, afetivas e por grandes turbulências nas relações sociais. Trata-se de uma fase de transição em que os pensamentos estão mais críticos e complexos, por isso, há a necessidade de integração entre os conhecimentos de todas as disciplinas relacionando-os às suas aplicabilidades concretas.

Neste sentido, a Educação Física que é promovida no ambiente escolar pode ser vista como uma atividade educativa, recreativa, social, competitiva, terapêutica. Ela é considerada uma disciplina científico-pedagógica, visto que está centrada no movimento do corpo para alcançar um desenvolvimento integral das capacidades físicas, afetivas e cognitivas dos alunos.

No entanto, nos últimos anos tem-se observado que o número de alunos que não participam das aulas de educação física no ensino médio nas escolas públicas vem crescendo significativamente. Com isso, acredita-se que esse fenômeno deve ser analisado, estudado e combatido visto que a disciplina de educação física apresenta relevância significativa na vida dos discentes no final da educação básica.

Identificar, descrever e interpretar como se constroem e funcionam os processos de exclusão social pode auxiliar grupos que estão em desvantagem a edificarem métodos que lhes permitam o acesso às práticas sociais que lhes são restringidas.

Este trabalho, por avaliar as representações de alunos em relação ao processo de exclusão cristalizado no cotidiano escolar, contribui para que profissionais de Educação Física Escolar e de outras áreas do conhecimento avaliem suas ações pedagógicas, no sentido de atenderem ao princípio da inclusão, da valorização e respeito às diferenças.

## 2 Revisão bibliográfica

A análise da literatura nos permite destacar aspectos importantes sobre os fatores desmotivacionais como segue.

Darido (1999) verifica que a desmotivação dos alunos, muitas das vezes se dá pela falta de interesse do próprio professor que abordar conteúdos desinteressantes, o conteúdo abordado é sempre o mesmo, não transmite nenhum conhecimento.

No estudo de Otaviano (2012) que teve por objetivo pesquisar qual o real motivo de desinteresse de alunos do ensino médio, seus resultados apontam que os alunos querem professores mais capacitados, com conteúdo diversificados, aulas criativas e mais dinâmicas.

Já Silva e Devede (2009) discorrem sobre a exclusão nas aulas de Educação Física e reforçam que o professor deve trabalhar a inclusão de alunos respeitando as diferenças e ainda não permitir palavras ofensivas, que fazem com que os alunos não queira participar das aulas.

Segundo Pereira e Moreira (2005) e Chicati (2000) os alunos gostam da disciplina, porém não acham que tenha conteúdos interessantes, e ainda não vem por parte do professor nenhuma demonstração de vontade em realizar algo novo

Já Schlindwein (2010) e Caixeta e Campos (2009) relata que os motivos de recusa dos alunos do ensino médio em participarem das aulas de Educação Física, são desde falta de

vontade, a falta de estrutura da escola, por não ser habilidoso, doenças e por ficarem suados após as aulas. Entretanto todos estes fatores seriam superados se o professor mudar de postura, pois é claro para todos que a Educação Física é importante, pois possibilita o desenvolvimento de vários aspectos como desenvolvimento motor, cognitivo, físico e psicossocial (BOTAN, 2012).

### **3 Objetivo**

Identificar os reais motivos que levam os alunos a não participar das aulas de Educação Física escolar.

### **4 Método**

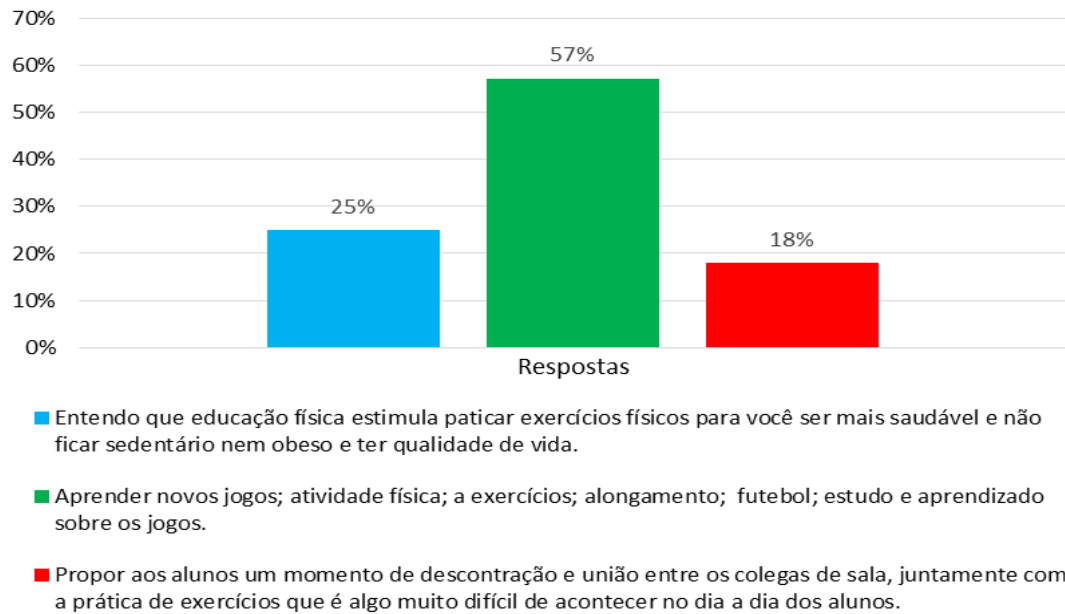
Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema aos alunos. Participaram do estudo 173 crianças com idade entre 14 e 17 anos da rede municipal e estadual de ensino médio, da cidade de Americana, os quais responderam um questionário com perguntas, fechadas e abertas.

### **5 Resultados e Conclusão**

Ao analisarmos as respostas dos alunos, procuramos identificar os possíveis aspectos que responde nosso questionamento.

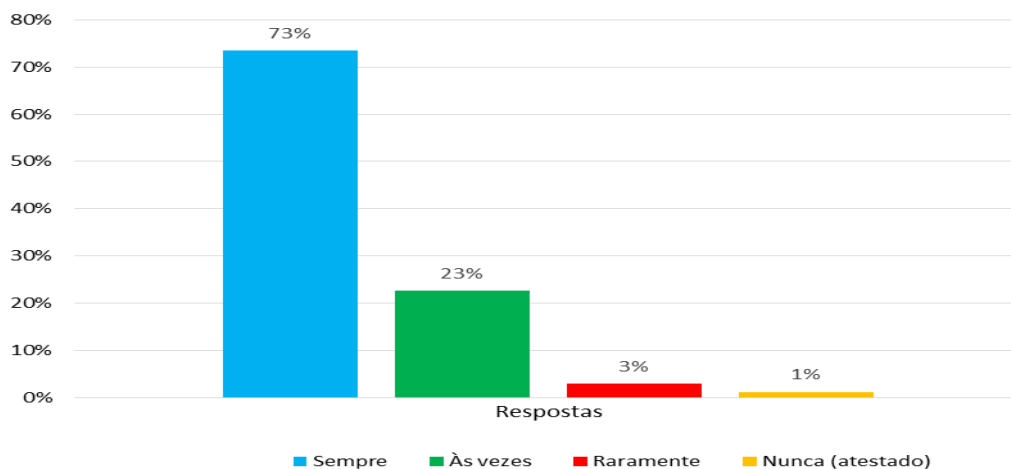
Pergunta de número (1) um, (43) quarenta e três alunos, contabilizando assim 25% dos participantes afirmam que as aulas de educação física têm como objetivo estimular os alunos a fazerem algum tipo de exercício, mantendo assim os alunos mais saudáveis e conseqüentemente eliminando o sedentarismo e obesidade na adolescência. (99) noventa e nove alunos, contabilizando assim 57% dos participantes afirmam que as aulas de educação física servem para aprender novos esportes, exercícios e aprender mais sobre os jogos. (31) trinta e um alunos contabilizando assim 18% dos participantes afirmam que as aulas de educação física servem para descontração e interação entre os alunos, estimulando assim o exercício físico, o que é algo difícil de ocorrer o dia a dia.

## O que você entende por educação física escolar?



A pergunta de número 2 (dois), 127 (cento e vinte e sete) alunos, contabilizando assim 73% dos participantes afirmam que participam com frequência das aulas de educação física, 39 (trinta e nove) alunos, contabilizando assim 23% dos participantes afirmam que participam ocasionalmente das aulas de educação física, 5 (cinco) alunos, contabilizando assim 3% dos participantes afirmar que raramente participam das aulas de educação física. E somente 2 (dois) alunos contabilizando assim 1% dos participantes nunca participam das aulas por motivos de saúde.

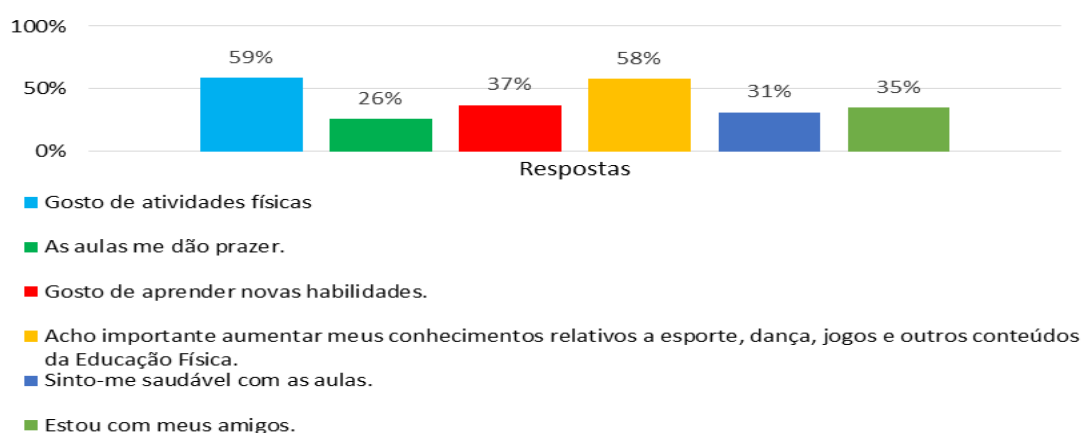
## Com que frequência participa das aulas de Educação Física?



A questão de número 3 (três) poderia ser assinalada uma ou mais alternativas, sendo assim um participante pode ter mais do que uma resposta, 102 (cento e dois) alunos,

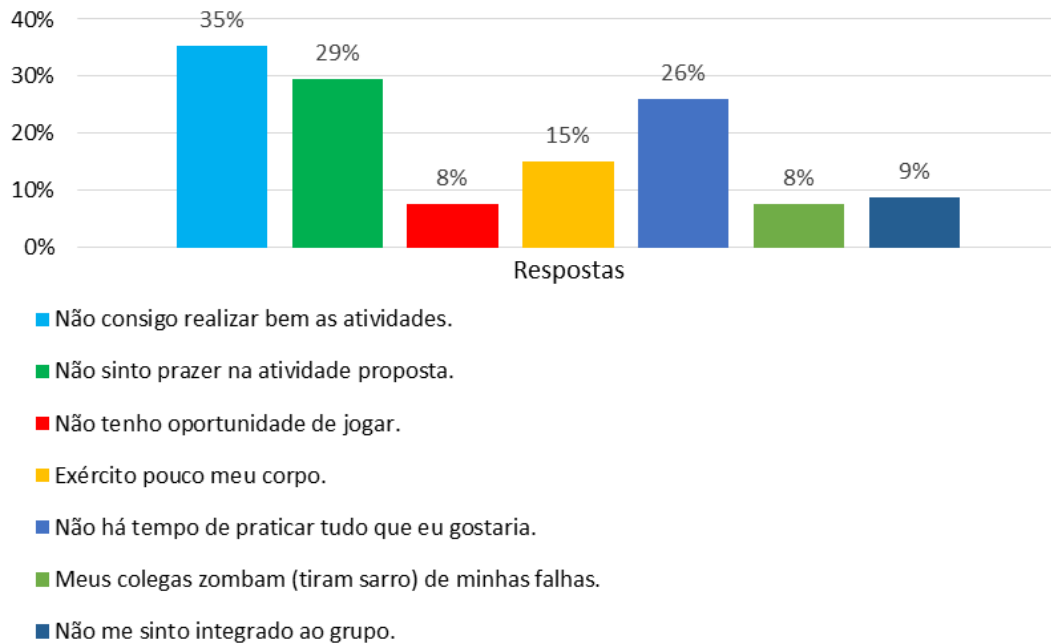
contabilizando assim 59% dos participantes afirmam que participam das aulas pelo simples fato de gostar de atividade física, 45 (quarenta e cinco) alunos, contabilizando assim, 26% dos participantes afirmam que participam das aulas por sentirem prazer em praticar exercícios, 64 (sessenta e quatro) alunos contabilizando assim 37% dos participantes afirmam que gostam de aprender novas habilidades. 100 (cem) alunos, contabilizando assim 58% dos participantes afirmam que é importante aumentar seus conhecimentos relacionados a esportes que são desenvolvidos nas aulas. 54 (cinquenta e quatro) alunos, contabilizando assim 31% dos participantes afirmam que praticam as aulas por se sentirem saudáveis praticando esportes, 60 (sessenta) alunos contabilizando assim 35% dos participantes gostam de participar das aulas por estarem perto e interagindo com amigos.

### Participo das aulas de Educação Física por que: (mais que 1 resposta)



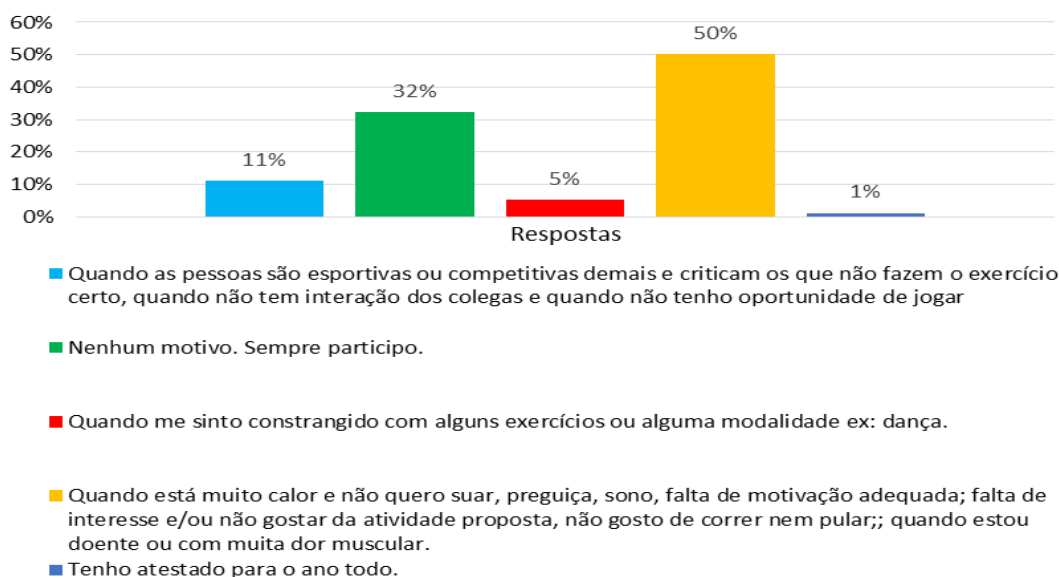
A questão de número 4 (quatro) poderia ser assinalada uma ou mais alternativas, sendo assim um participante pode ter mais do que uma resposta. 61 (sessenta e um) alunos, contabilizando assim 35% dos participantes afirmam não gostar das aulas pelo motivo de não conseguirem realizar bem as atividades propostas. 51 (cinquenta e um) alunos, contabilizando assim 29% dos participantes não gostam das aulas por não sentirem prazer em realizar as atividades propostas. 13 (treze) alunos contabilizando assim 8% dos participantes afirmam que não gostam das aulas pois acabam não tendo a oportunidade de participar efetivamente como gostariam, 26 (vinte e seis) alunos contabilizando assim, 15% dos participantes não gostam por sentirem que as atividades propostas fazem com que se exercitem menos do que gostariam. 45 (quarenta e cinco) alunos contabilizando assim, 26% dos participantes não gostam das aulas porque não possuem tempo hábil de praticar tudo o que gostariam. 13 (treze) alunos, contabilizando assim 8% dos participantes não gostam pois quando falham ou não conseguem fazer a atividade proposta, seus colegas zombam da situação, 15 (quinze) alunos, contabilizando assim 9% dos participantes não gostam das aulas pois não se sentem integrados ao grupo.

### Não gosto das aulas de Educação Física quando: (mais que 1 resposta)



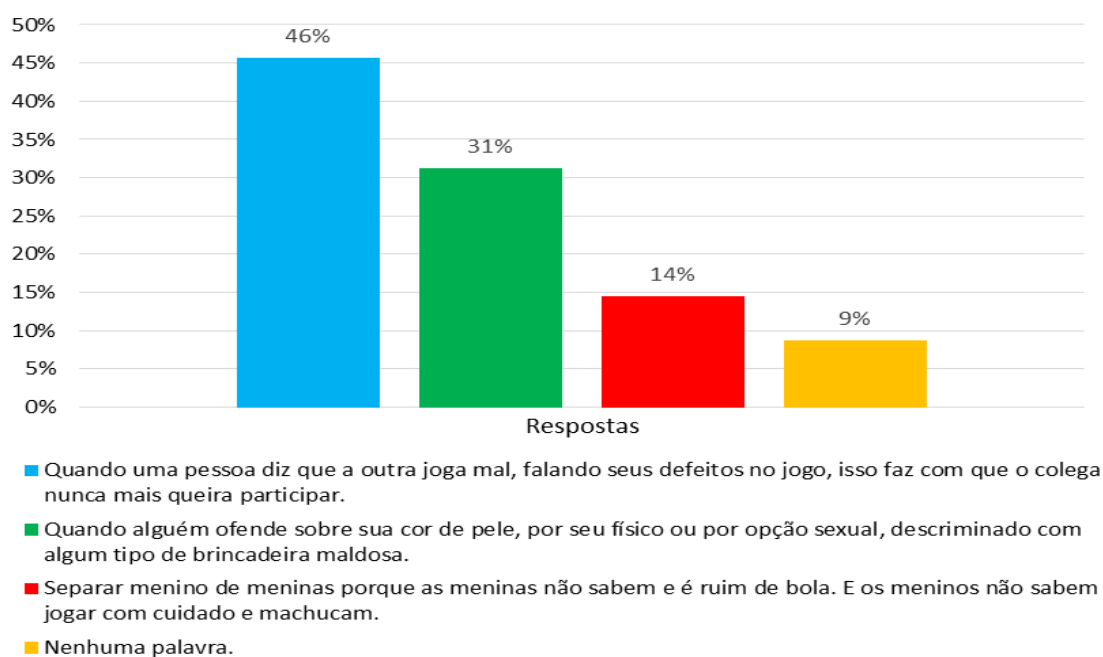
A questão número cinco 5 (cinco), 19 (dezenove) alunos contabilizando assim 11% dos participantes afirmam que não participam das aulas de educação física quando entre a turma tem um aluno muito competitivo que acaba criticando os demais por não conseguirem executar a atividade com perfeição, ou quando não há interação entre os colegas da turma diminuindo assim a oportunidade de participar. 56 (cinquenta e seis alunos), contabilizando assim 32% dos participantes afirmam que sempre participam, pois não veem motivos para não participar. 9 nove alunos, contabilizando assim 5% dos participantes afirmam que não participam das aulas quando se sentem tímidos ou constrangidos ao praticarem alguma atividade como por exemplo a dança 87 (oitenta e sete), contabilizando assim, 50% dos participantes afirmam que não participam quando estão sem vontade, desanimados, desmotivados, desinteressados pela atividade proposta, não querem transpirar ou por estarem sonolentos. 2 (dois) alunos, contabilizando assim 1% dos participantes não participam por motivo de saúde.

### Quais são os principais motivos que o levam a não participar das aulas de Educação Física?



A questão número seis 6 seis. 79 (setenta e nove) alunos, contabilizando em 46% dos participantes afirmam que o motivo da exclusão dos colegas nas atividades são frases ditas que os desmotivam a participar como: “Você joga Mal”, “Você errou”, ”Você não sabe jogar”. 54 (cinquenta e quatro) alunos, contabilizando assim, 31% dos participantes afirmam que o motivo da exclusão são comentários preconceituosos, tanto como a cor da pele, opção sexual ou porte físico. 25 (vinte e cinco) alunos, contabilizando assim 14% dos participantes afirmam que o motivo da exclusão é a divisão das atividades entre meninas e meninos, isso acaba causando uma falta de interação de meninas em alguns jogos como futebol e de meninos em jogos como vôlei, 15 (quinze) alunos, contabilizando assim, 9% afirmam nada que seja dito os excluem das atividades.

### Quais palavras ditas durante as aulas de educação física que no seu ponto de vista excluem os colegas?



Após análise dos resultados verificamos que a maioria dos alunos gostam e dizem participar da aula de Educação Física, e ainda afirmam ser importante ter mais conhecimento sobre os jogos e temas abordados pela disciplina. Os aspectos mais destacados foram: (1) quando não consegue realizar bem a atividade proposta; (2) o excesso de calor; (3) não querer ficar suado; (4) por terem muito sono; (5) por falta de motivação, ou não gostar da atividade proposta; (6) palavras ditas que excluem o colega de alguma forma; e (7) quando há algum tipo de comentário sobre em relação a sua cor, seu porte físico e sua opção sexual.

Chegamos a conclusão que a maioria dos alunos gostam da aula, porem inventam mil e uma desculpas para não participar ou realizar as atividades proposta, ainda mais com o ensino de hoje, que não há como cobrar a participação.

## 6 Considerações finais

Diante do exposto podemos sugerir que os professores tenham papel fundamental para a motivação dos alunos durante as aulas de Educação Física.

È de suma importância que estes profissionais demonstrem interesse em mudar a metodologia da aula, por uma aula mais dinâmica, onde os alunos sintam-se interessados a participar, e tenham vontade própria de participar e não só porque vale nota, È de muita importância do professor também, em não deixar que ocorra qualquer tipo de brincadeira ou palavras entre os alunos que façam que o aluno sintam-se constrangido, e não queira mais participar das aulas, o professor tem que impor isso para todos da sala.

E os alunos tem que se esforçar mais, e entender que é de muita valia e importância participar das aulas de educação física.



## Referências

- SILVA, C.; DEVIDE, F. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 181-197, jan. 2009.
- PAIANO, R. Possibilidades de orientação da prática pedagógica do professor de Educação física: situações de desprazer na opinião dos alunos, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.5, n. 1, 2006.
- BOTAN, T. O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas aulas de educação física: motivos que levam a não praticar as aulas, 2012.
- PEREIRA, R.; MOREIRA, E.. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações, **Maringá**, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2005.
- CHICATI, Karem. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio, **Maringá**, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.
- NETO, Alvaro; CRUZ, Ronaldo; SALGADO, Simone; CHRISPINO, Renata; SOARES, Antonio Evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de educação física, **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 115, maio/ago. 2010.
- DARIDO, R.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L.; FIORIN, G. Educação física no ensino médio: reflexões e ações, **Motriz**, v. 5, n. 2, dez., 1999.
- OTAVIANO, F. Motivos que levam ao desinteresse dos discentes do ensino médio do centro educacional (ced) Ceilândia/DF pelas aulas de educação física, 2006.
- SCHLINDWEIN, Elisandro. Os motivos da recusa de alunos do ensino médio em relação às aulas de educação física.
- CAIXETA, Paulo; CAMPOS, Luiz. O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas práticas de educação física escolar, **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.8, n. 2, 2009.
- SILVA, C. . F.; DEVIDE, F. P. **Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar**. rev. bras. cienc. esporte, Campinas, v. 30, n. 2, p. 181-197, jan. 2009
- PAIANI, R. **Possibilidades de orientação da prática pedagógica do professor de Educação física**: situações de desprazer na opinião dos alunos, revista mackenzie de educação física e esporte – ano 5, número 1, 2006
- BOTAN, T. O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas aulas de educação física: motivos que levam a não praticar as aulas.
- PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. **A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física**: algumas considerações, maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2. sem. 2005.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio, maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000

MILLEN NETO, A. R.; CRUZ, R. P.; SALGADO, S. S.; CHRISPINO, R. F.; SOARES, A. J. G. Evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de educação física, *pensar a prática*, goiânia, v. 13, n. 2, p. 115, maio/ago. 2010

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação física no ensino médio: reflexões e ações, *motriz - volume 5, número 2, dezembro/1999*

OTAVIANO, F. T. A. Motivos que levam ao desinteresse dos discentes do ensino médio do centro educacional (ced) 06 da ceilândia/df pelas aulas de educação física

SCHLINDWEIN, E. Os motivos da recusa de alunos do ensino médio em relação às aulas de educação física

CAIXETA, P. H. N.; CAMPOS, L. A. S. O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas práticas de educação física escolar, *Coleção Pesquisa em Educação Física - Vol.8, nº 2 - 2009* - ISSN: 1981-4313

## A INCLUSÃO DO CADEIRANTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Lidia da Silva Barbosa<sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

Estudos específicos mostram que as pessoas portadoras de paralisia cerebral que usam cadeiras de rodas nas suas atividades da vida diária podem ser estimuladas a participar das aulas de Educação Física, assim elas têm condições de compreender a importância das atividades físicas regulares no cotidiano e como elas podem proporcionar além do melhoramento físico, o melhor desempenho das capacidades, cognitivas, socioafetivos e psicomotores dos alunos envolvidos. Proporcionando saúde e qualidade de vida, bem como a criação de alternativas de intervenção que vise seu bem-estar biopsicossocial. Portanto, refletir a cerca da inclusão através da saúde, acessibilidade, na construção das relações sociais, e outros benefícios que prática de atividades físicas regular pode proporcionar no cotidiano. Visto que o cadeirante é uma pessoa que embora tenha suas limitações reduzidas, são capazes de exercerem limitadas atividades normalmente dentro de suas possibilidades, desde que sejam respeitadas, estimuladas e encorajadas para isso. Neste contexto buscou-se realizar uma pesquisa descritiva que é essencialmente qualitativa, definida como estudo de caso, baseado na Proposta Pedagógica. Utilizando como instrumentos metodológicos, as pesquisas bibliográficas, questionário e observações. Que apresenta o resultado da análise dos dados coletados a partir do questionário realizado para o aluno e o professor de educação física escolar da escola.

**Palavras-chave:** Inclusão, Cadeirante, Educação física escolar, Atividade física adaptada.

### ABSTRACT

Specific studies show that people with cerebral palsy who use wheelchairs in their activities of daily living can be encouraged to participate in physical education classes, so they are able to understand the importance of regular physical activity in daily life and how they can provide beyond the physical improvement, the best performance capabilities, cognitive, social-affective and psychomotor of the students involved. Providing health and quality of life as well as the creation of policy alternatives aimed at their biopsychosocial welfare. So think about the inclusion through health, accessibility, construction of social relations, and other benefits that regular practice of physical activities can provide in daily life. As the wheelchair is a person although it has reduced its limitations, are able to exercise normally limited activities within their means, subject to compliance, stimulated and encouraged to isso. Neste context we sought to carry out a descriptive research that is essentially qualitative, defined as a case study, based on the pedagogical proposal. Using as methodological tools, bibliographical research, questionnaire and observations. Presenting the results of the analysis of data collected from the survey conducted for the student and the teacher of school physical education.

<sup>(1)</sup> Graduanda em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [lili\\_polaka@hotmail.com](mailto:lili_polaka@hotmail.com))

<sup>(2)</sup> Prof. Ms. em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

**Keywords:** Inclusion, Wheelchair , Physical education , adapted physical activity.

## 1 Introdução

Segundo Santos e Paulino (2008), a inclusão escolar refere-se a todas as formas educacionais escolares que buscam minimizar o processo de exclusão, maximizando a participação do aluno no processo educativo e proporcionando uma educação consciente para todos. Pode ser entendida como uma concepção de educação voltada para a diversidade, que reconhece as semelhanças e diferenças humanas e também considera como um direito de todos os cidadãos.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, deficiência é o substantivo atribuído a toda a perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica. Refere-se, portanto, à biologia do ser humano. Segundo Gil et al (apud KELMAN , 2010, p. 259) a deficiência física diz respeito a perda ou redução da capacidade de movimento de qualquer parte do corpo em decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas ou malformações congênitas e adquiridas.

Verifica-se que, a cadeira de rodas constitui-se em uma parte fundamental na qualidade de vida do deficiente físico portador de paralisia cerebral ou não, pois é nela que o indivíduo passa diversas horas do seu dia. Observa-se que a atividade física regular pode propiciar condições para o seu bem estar, através dos exercícios o melhoramento físico, ocorrerá no desempenho do trabalho, estudo ou lazer, em todas as suas atividades cotidianas por ele desempenhadas. Em síntese, a prática de atividade regular passa ser um direito de cidadania.

Paralisia cerebral (PC) é descrita inicialmente em 1843, com a denominação de Síndrome de Little é conhecida também pelo termo Encefalopatia Crônica da Infância. A definição mais aceita atualmente remonta ao simpósio de Oxford (1959): "Paralisia Cerebral é a seqüela de uma agressão encefalopática que se caracteriza, principalmente, por um transtorno persistente - mas não invariável - do tônus, postura e do movimento, que aparece na primeira infância e que não só é diretamente secundário a esta lesão não evolutiva do encéfalo, se não devido também à influência que tal lesão exerce na maturação neurológica". Compreende-se pelo exposto acima que a PC não é uma doença evolutiva.

A Paralisia Cerebral Diplegia Ocorre em 10 a 30 % dos pacientes, sendo a forma mais encontrada em prematuros. Trata-se de um comprometimento dos membros inferiores, comumente evidenciando uma acentuada hipertonía dos adutores, que configura em alguns doentes o aspecto semiológico denominado síndrome de Little (postura com cruzamento dos membros inferiores e marcha "em tesoura").

Distrofia muscular: As doenças chamadas de distrofia muscular afetam o músculo e causam fraqueza. O músculo dá sustentação ao esqueleto, permite que as articulações se movimentem e que possamos fazer os movimentos do nosso corpo. As pessoas com distrofia muscular não conseguem movimentar adequadamente os braços, as pernas, o rosto enfim todas as partes do corpo. As distrofias musculares são doenças genéticas, nas quais o músculo sofre destruição (degeneração).

## 2 Revisão bibliográfica

O paradigma da inclusão emerge com mais ênfase após a Declaração de Salamanca (1994), que proclama em um de seus tópicos que "as escolas regulares, seguindo esta

orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa óptima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo.”

Diante desta indagação procuramos explorar a literatura com intuito de verificar o atual estado da arte quanto a inclusão, como segue.

Falkenbach, et al. (2007), Fiorini (2010), Santos (2010) e Santos e Souza (2011) investigam como a inclusão é tratada nas aulas de Educação Física. Com a inclusão inserida no contexto da Educação Física escolar, Tanure e Duarte (2014) procuram verificar como a inclusão está acontecendo, porém sobre a ótica dos alunos com deficiência. Com o tema inclusão sendo amplamente discutido estudos mais específicos emergem como Araujo (2011) que realiza uma pesquisa com o objetivo de verificar como ocorre o processo de inclusão de alunos com deficiência física cadeirantes. Nesta perspectiva Wolker e Freitas (2014) procuram identificar atitudes de alunas com deficiência física cadeirante para a participação em aulas de educação física. Porém é notório que há dificuldade, por parte dos envolvidos com o processo de inclusão em lidar com a situação quando ela realmente é efetivada isto fica claro quando encontramos na literatura estudos como o de Afonso e Munster (2006) que procuram elaborar um inventário direcionado aos professores de Educação Física, que auxilie na constatação das reais necessidades dos alunos com deficiências em suas aulas.

Os problemas em lidar com a inclusão ficam evidenciados nos resultados dos estudos revisados (FALKENBACH, et al. 2007; ALVES; DUARTE, 2014; AFONSO; MUNSTER, 2006; SANTOS, 2010), que mostram que as escolas não são inclusivas em relação à Educação Física escolar, nota-se que não há motivação por parte dos professores, há uma falta de preparo para conduzir o processo educacional de modo coerente com a perspectiva inclusiva, falta acompanhamento dos pais e apoio do sistema, além das precárias condições de acessibilidade e permanência do estudante com deficiência física cadeirante no ambiente escolar.

Os autores (NOGUEIRA; REIS, 2011; WOLKER; FREITAS, 2014; XAVIER, 2013; ARAUJO, 2011; MIE, et al., 2014) sugerem mais ações no sentido de tornar real aquilo que a princípio nos parece estranho ou diferente, trabalhando a inclusão desde as séries iniciais, para que no futuro, esses jovens vejam o deficiente físico não como mais um problema social, mas sim como um cidadão comum com uma certa limitação, que pode e deve viver com seus semelhantes independente de tudo. Ainda propõe que para chegar a um resultado positivo deve-se ter uma proposta Pedagógica com intuito de construir uma educação de qualidade, e que atenda as expectativas almejadas, torna-se necessário buscar subsídios para auxiliar pais e professores sobre a necessidade de refletir sobre as possibilidades da efetiva integração do aluno com deficiências. Ainda Xavier (2013) recomenda que as pessoas portadoras de paralisia cerebral que usam cadeiras de rodas nas suas atividades da vida diária podem ser estimuladas a participar das aulas de Educação Física, assim elas teriam condições de compreender a importância das atividades físicas regulares no cotidiano e como elas podem proporcionar além do melhoramento físico, o melhor desempenho das capacidades, cognitivas, socioafetivos e psicomotores e relata que os alunos portadores de paralisia cerebral que fazem uso de cadeiras de rodas nas aulas de Educação Física, são submetidos a participar de aulas que geralmente são trabalhadas com recreação e atividades lúdicas, aulas que não proporcionam uma prática de atividades físicas.

Diante do exposto podemos verificar que o processo de inclusão do deficiente físico cadeirante muitas vezes só acontece na teoria, por a maioria dos estudantes serem ditos normais, os deficientes encontram diversas dificuldades que começam na estrutura da escola

que nem sempre possuem adaptações adequadas para sua segurança, muitas vezes não há interesse do docente ou talvez ele não esteja capacitado para fazer adaptações e também a falta de materiais nas aulas de Educação Física, a ausência do diretor e dos próprios pais para juntos mudar essa realidade, além de tudo isso o deficiente físico sofre com os comentários maldosos de seus colegas de sala e por isso muitas vezes deixam de frequentar as aulas de Educação Física escolar com medo de sofrer represálias e se sentem totalmente inseguros e sozinho e acabam se isolando dos demais.(SANTOS, 2010; SANTOS; SOUZA, 2011; FALKENBACH et al, 2007; ALVES; DUARTE, 2014).

Como a temática da pesquisa é sobre o deficiente cadeirante vale ressaltar que as pesquisas realizadas (COSTA, FLAVIA, ARAUJO, 2011; WOLKER, S.M.; FREITAS,S. ALVES, DUARTE 2014; TANURE, M. L. A. DUARTE, E. 2014; XAVIER, M.E. 2013; AFONSO; MUNSTER, 2006;) mostram que a criança cadeirante, que frequenta a escola de ensino regular, não tem participação alguma na aula de educação física escolar.

O que nos leva a perguntar se a inclusão do cadeirante nas aulas de Educação Física realmente ocorre.

### **3 Objetivo**

Os Portadores de paralisia cerebral, com uso de cadeiras de rodas atualmente não costumam praticar atividades físicas adaptadas regulamente o que tem contribuído para uma saúde comprometida devido ao sedentarismo que é uma das principais causas de problemas de saúde que atingem pessoas de todas as idades que tem comprometido cada vez crianças, jovens e adultos. As praticas de atividades físicas regulares exigem profissionais preparados e comprometidos, pais e professores que incentivem a prática regular no cotidiano. Portanto, foi elaborado um questionário para o professor e outro para o aluno para saber como anda a pratica da inclusão na aula de educação física da E.E.Prof<sup>o</sup> Leonilda Rossi Barriquelo – Sumaré.SP.

### **4 Método**

Para responder nossa pergunta utilizamos de uma revisão bibliográfica, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema a um professor e a um aluno cadeirante, além de observações em aulas práticas e teóricas.

Ambos de uma escola estadual da cidade de Sumaré, os quais responderam um questionário com 08 perguntas para o professor e 06 perguntas para o aluno.

### **5 Resultados e discussões**

Ao analisarmos as respostas do professor observamos na primeira pergunta “A escola solicita algum protocolo medico sobre a deficiência do aluno”, ele respondeu que não.

Na segunda questão sobre “algum tipo de conhecimento sobre a inclusão”, ele respondeu que fez apenas curso de libras e inclusão no ano de 2000 e 2013.

Seguindo com a pesquisa, na terceira pergunta “Qual a maior preocupação e as dificuldades em ter um aluno deficiente físico cadeirante na sua aula”, o professor disse que a maior dificuldade dele é realizar atividades de inclusão devido ao grande número de alunos, sendo que a maioria não aceita atividades adaptadas com menor grau de dificuldade.

Nossa quarta pergunta questionamos “O que ele achava necessário para a melhor participação e desenvolvimento do aluno com deficiência física cadeirante em sua aula”, ele respondeu que a escola deveria divulgar mais competições em que os deficientes são protagonistas como, por exemplo, as paraolimpíadas, assim sendo além de aumentar a autoestima do deficiente os outros alunos passar a respeitar e vê-lo como pessoas capazes de realizar atividades apesar da deficiência.

Na quinta pergunta “Se considerava sua formação adequada para trabalhar com alunos que possuem deficiência física”, ele respondeu que sim, a formação dele é adequada, pois além da experiência que tive no curso da graduação na universidade procurei me capacitar através de cursos.

Na sexta pergunta “Se empregava estratégias e adaptações para atender o aluno deficiente em suas aulas”, ele respondeu que não.

Na penúltima pergunta “Se conta com algum esquema de apoio ou auxílio, como equipamentos adaptados para a prática de esporte”, ele respondeu que não, conta somente com uma cuidadora que não tem preparo algum para esse tipo de atividade junto ao cadeirante.

Na última pergunta “Sobre o que ele acha se com seu método o aluno deficiente físico cadeirante esta totalmente incluso nas aulas de educação física escolar”, ele respondeu sem hesitar que a falha é de todo o sistema.

Quanto ao questionário dado ao aluno deficiente físico o mesmo respondeu na primeira pergunta “Quantos alunos cadeirantes haviam na sala”, respondeu que somente ele.

Na segunda questão “Sobre qual era sua participação nas aulas de educação física escolar”, ele respondeu que ele não tinha participação alguma.

Na terceira pergunta “Se o professor de Educação Física aplicava atividades físicas adaptadas”, e resposta foi que não.

Já na quarta pergunta “O que o aluno cadeirante achava das aulas de Educação Física escolar”, ele disse que achavam chatas, pois não faz nada.

Na penúltima pergunta “Se ele possuía algum tipo de apoio ou ajuda de seus colegas de sala para praticar as atividades”, ele disse que não.

Na última pergunta “Como ele se sentia em relação aos seus colegas de sala durante as aulas de Educação Física escolar”, ele respondeu que se sente triste, porque sempre fica no canto da quadra olhando sem participar de nada por isso se sente envergonhado nas demais aulas e durante toda sua permanência na escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. É em consonância com essa discussão, que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) número 9.394 de 1996 destina o seu título V à Educação Especial, especificando em seu artigo 58 que: Artigo 58 – Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando portadores de necessidades especiais. Nesse sentido, o capítulo destina o artigo 59 para sistematizar e direcionar a Educação Especial. Artigo 59 – Os sistemas de ensino assegurarão aos educando com necessidades especiais: I – Currículos, métodos, técnicas, recursos e organização específicos, para atender às suas necessidades.

## **6 Considerações finais**

Nossa intenção não foi questionar o trabalho do professor, mas sim chamar a atenção para o problema da inclusão que como podemos notar no nosso estudo a prática não refletiu a

teoria e pior a ótica do profissional de Educação Física é totalmente milpe quando comparada a do aluno.

A graduação deveria nos preparar melhor para atuarmos com a inclusão, aumentando nossa carga horária de estagio em necessidades especiais, aumentando nossa grade curricular com disciplinas voltadas para esse tipo de intervenção, exigindo das instituições superiores de ensino que não possuem disciplinas voltadas para o tema que as ofertem.

Precisamos de mais pratica na área ou continuaremos agindo da mesma maneira, evitando trabalhar com inclusão ou se graduando na área e trabalhando em instituições voltadas apenas para se trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, deixando o ensino regular carente desses profissionais capacitados.

## Referências

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais – NEE** In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

AFONSO, C. M. S; MUNSTER, M. A. V. Proposta de Inventario de Avaliação das Condições de Inclusão de Alunos com Deficiências nas Aulas de Educação Física Escolar. 2008.

ARAUJO, F.C. Estudantes com Deficiencia Fisica Cadeirante e o Processo de Inclusao Escolar no Contexto Municipal de Ensino de ALEXANIA-GO. 2011.

BRASIL, Lei nº 9.394. Lei das Diretrizes e Base da Educação Nacional, 20 de Dezembro de 1996.

FALKENBACH, et al. A Questão de Interação e da Inclusão nas Aulas de Educação Física. **Revista Digital. Buenos Aires.** Ano 11 n. 106. Março. 2007.

FIORINI, M. L. S. Concepção do Professor de Educação Física Sobre a Inclusão do Aluno com Deficiência. **Marília.** 2011.

WOLKER, S.M.; FREITAS,S. Educação Fisica e Inclusao:Como Faço para Contar Pontos?. **Revista da Sobama.Marilia.** v. 15, n. 2, p. 37-40, Jul.Dez., 2014.

SANTOS, A. C. N.; SOUZA, V. R. M. O Paradigma da Educação Especial em Escolas Municipais de Ensino Fundamental na Cidade de Aracaju na Área da Educação física. **Revista Tempos e Espaços em Educação,** v. 06, jan./jun. 2011.

SANTOS, L. A. AS Representações Sociais do Professor de Educação Física Sobre a Inclusão de Deficientes nas Aulas da Rede Regular de Ensino. **Londrina.** 2010

TANURE, M. L. A.; DUARTE, E. A Percepção dos Alunos com Deficiências Sobre a sua Inclusão nas Aulas de Educação Física Escolar: Um Estudo de Caso. **Rev. Bras. Fis. Esporte,** Abr – Jun; 28(2): 329-38,329. **São Paulo.** 2014.



XAVIER, E. A Importancia das Atividades Fisicas Regulares Adaptadas para Cadeirantes nas Aulas de Educaçao Fisica. **Ariquemes – RO**. 2013.

## A CRISE DE IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA JÁ CHEGOU AO FIM?

Wesley Rodrigo Cardoso Dias <sup>(1)</sup>  
Thiago Augusto Costa de Oliveira <sup>(2)</sup>

### RESUMO

As abordagens provenientes da crise da década de 80, são um importante referencial teórico para os professores de Educação Física, o objetivo do estudo foi verificar qual o nível de conhecimento dos professores em relação à crise e ainda quais as abordagens são utilizadas na prática pelos professores. Foi feita uma revisão de literatura, e uma pesquisa de campo de caráter qualitativo com indagações a respeito do tema, além de observações em aulas práticas e teóricas. Participaram da pesquisa onze professores de escolas Estaduais do município de Sumaré-SP. Após análise das respostas, verificamos que as réplicas foram dadas em quatro vertentes. Diante da disparidade das respostas uma nova pergunta aflora: como as abordagens (teoria) são utilizadas na prática? Nesta observação podemos verificar que tanto as respostas fornecidas no questionário quanto o plano de ensino, não são aplicados nas aulas do referido professor. Os achados de nosso estudo nos permitem sugerir que os professores não utilizam ou não conhecem a crise de 80 e as abordagens oriundas, o que evidencia o grande abismo existente entre a teoria e a prática.

**Palavras-chave:** Educação Física; Abordagens; Teoria x Prática.

### ABSTRACT

*Approaches from the 80 crisis, are an important theoretical framework for physical education teachers, the objective was to verify the teachers' level of knowledge regarding the crisis and yet what approaches are used in practice by teachers. A literature review was made, and a qualitative field research with questions on the subject, as well as observations in practical and theoretical classes. The participants were eleven teachers of state schools in the city of Sumaré-SP. After analyzing the responses, we find that the replicas were given in four areas. On the disparity of answers a new question arises: how approaches (theory) are used in practice? This observation we can see that both the answers provided in the questionnaire as the syllabus, are not applied in class the teacher said. The findings of this study allow us to suggest that teachers do not use or do not know the crisis of 80 and derived approaches, which shows the great gap between theory and practice*

**Keywords:** *Physical Education; approaches; Theory x Practice.*

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [wrcdias@hotmail.com](mailto:wrcdias@hotmail.com)).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br)).

## 1 Introdução

Na década de 80 houve uma oposição a concepção biológica na Educação Física, principalmente aos seus conteúdos esportivistas e mecanicistas que privilegiava somente o indivíduo que possuía aptidão ao esporte, e os demais eram descartados, fruto de um governo que utilizava o esporte como sustentáculo ideológico onde visava o êxito em competições de alto nível, ratificando o regime perante o mundo, e ao mesmo tempo alienar o povo mascarando as mazelas sofridas. O papel do professor era centralizador e a prática uma repetição mecânica dos movimentos esportivos, com o objetivo de buscar o alto rendimento e com isso a seleção dos mais habilidosos. (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000; CARNEIRO, 2012; DAOLIO, 2004; DARIDO, 2003; DARIDO; SANCHEZ NETO, 2005; FREIRE, 2009; MASSA, 2002. RAMIREZ, 2012; SOARES et al, 1992).

E essa mudança de pensamento teórico-prático na Educação Física só ocorre com o retorno dos primeiros doutorados no exterior, e começam a discutir a Educação Física como disciplina acadêmica não somente como uma ciência biológica. Com essa nova visão, surge cursos de pós-graduação pautados em uma metodologia e reflexões novas sobre a área, sobretudo nas ciências humanas, que compreendem o movimento humano e sua complexidade cognitiva, sócio-afetivas e sócio-cultural. E esse novo momento faz surgir pesquisas no campo pedagógico e na área científica da Educação Física.

Mas isso só foi possível pelo momento político que o país vivia a “abertura” um período de redemocratização interrompendo as atividades de censura e dando liberdade a comunidade acadêmica para pesquisar todas as áreas de conhecimento científico e filosófico, mesmo as que se opunham as tendências do regime militar.

“Assim, em oposição à vertente mais tecnicista, esportivista e biológica, surgem novos movimentos na Educação Física escolar a partir, especialmente, do final da década de 70, inspirados no novo momento histórico social por que passaram o País, a Educação e a Educação Física”. (DARIDO; SANCHEZ NETO, p.6, 2005).

Na atualidade existem varias abordagens teórico-prática que tentam romper com o modelo esportivista, todas com suas particularidades características com cunho pedagógico específico, ou até mesmo mesclando mais de uma abordagem. As abordagens e seus principais autores são: Psicomotricidade (LE BOUCH), Progressista (GUIRALDELLI JUNIOR), Humanista (OLIVEIRA), Revolucionária (MEDINA), Crítica (MARIZ DE OLIVEIRA. et al.) Sistêmica (BETTI), Desenvolvimentista (TANI), Construtivista-interacionista (FREIRE), Sócio-construtivista (Mattos e Neira), Fenomenológica (MOREIRA), Crítico-superador (SOARES. et al.), Crítico-emancipatório (KUNZ. et al.), Plural (DAOLIO), Saúde Renovada (NAHAS), Jogos Cooperativos (BROTTO), Estudos Cinesiológicos (MARIZ DE OLIVEIRA), PCN's (BRASIL).

## 2 Revisão bibliográfica

Para um entendimento mais específico sobre as abordagens, analisamos algumas das concepções descritas acima, procurando verificar as principais características das tendências pedagógicas que permeiam o contexto nacional.

A abordagem desenvolvimentista é pautada no desenvolvimento motor do indivíduo, onde o movimento é o principal elemento da Educação Física, sendo esta sua maior área de estudo.

“Os autores dessa abordagem defendem a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, garantindo a especificidade do seu objeto. Sua função não é

desenvolver capacidades que auxiliem na alfabetização e o pensamento lógico-matemático, embora isso possa ocorrer como subproduto da prática motora.” (DARIDO; SANCHEZ NETO, p.9, 2005).

A aprendizagem é realizada respeitando a taxonomia do desenvolvimento motor, e estas experiências são adequadas as faixas etárias que o individuo está inserido. Este pensamento busca o desenvolvimento das habilidades básicas e específicas sistematizando ao conteúdo de jogos dança etc.

O professor tem que observar em qual fase de desenvolvimento os alunos estão e verificar possíveis erros e ajusta-los para um melhor desempenho.

Na construtivista-interacionista o conhecimento é construído com a interação do sujeito com o mundo, todas suas experiências trazidas do seu convívio social são relevantes para este processo, resgatando a cultura dos jogos e brincadeiras. A abordagem se apropria dessa cultura de jogos de regras, brincadeiras de rua, rodas cantadas e utiliza no processo de ensino e aprendizagem ficando mais fácil sua compreensão do conteúdo.

O aluno constrói seu conhecimento através dos jogos com interação com o meio solucionando situações problema.

“Na proposta construtivista o jogo, enquanto conteúdo/estratégia, tem papel privilegiado. É considerado o principal modo de ensinar, é um instrumento pedagógico, um meio de ensino, pois enquanto joga ou brinca a criança aprende” (DARIDO, p.8, 2003).

A psicomotricidade é o primeiro modelo que vai contra ao esportivismo, que no Brasil na época eram concepções biológicas com conteúdos esportistas. Também conhecida como abordagem psicomotora teve seu início em escolas que ensinavam crianças portadoras de deficiência intelectual e motora.

A psicomotricidade busca o desenvolvimento integral do aluno visando os processos cognitivos psicomotores e afetivos, não sendo mais importante o rendimento corporal e biológico, passa a incluir o olhar psicológico no processo de assimilação dos conteúdos propostos.

“Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares e escolares; leva a crianças a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilidades e coordenação de seus gestos e movimentos” (RAMIREZ, p.182, 2012).

A crítico-superadora tem um discurso de justiça social, fundamentada pelo marxismo e o neo-marxismo e tem como objetivo fomentar questionamentos a cerca do poder, classe dominante e a dicotomia entre as classes. Sendo que esse conhecimento tem que respeitar a contextualização dos fatos e do resgate histórico sendo vital para o aluno na compreensão que ao longo da história da humanidade existiram fases na sociedade e que elas mudaram ao longo do tempo.

“Esta reflexão pedagógica é compreendida como sendo um projeto político-pedagógico. Político porque encaminha propostas de intervenção em determinada direção e pedagógico no sentido de que possibilita uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade, explicitando suas determinações” (DARIDO, p.8, 2003).

O conteúdo do ensino deve ter uma relevância social com temas atuais que se adaptem ao contexto social que os alunos estão inseridos.

Já a crítico-emancipatória valoriza a visão crítica do mundo, da sociedade e a relação entre elas, sem a ambição de transformar esses elementos por meio escolar. O professor confronta o aluno com a realidade do ensino, neste processo ao ser confrontado o aluno expressa um processo de reflexão e libertação de condições confinantes e impostas pelo sistema social. Ela sugere que o ensino siga uma estratégia denominada “transcendência de limites” respeitando o seguinte ciclo: encenação, problematização, ampliação e reconstrução coletiva do conhecimento.

Na encenação o aluno tem papel de descobridores e inventores de varias estratégias e com auxilio da dramatização pode vivenciar esta manifestações culturais no seu contexto social e politico. A problematização deve confrontar e discutir por meio da linguagem ofertando possibilidades de assimilação e consenso. A ampliação é a apuração da dificuldade nas ações, ampliando a visão dos temas vivenciados. E por fim, a reconstrução coletiva do conhecimento consiste em uma nova visão e significado do conteúdo, fazendo uma leitura e discussão das etapas anteriores.

“Assim, a tarefa da educação é promover condições para que essas estruturas autoritárias sejam suspensas e o ensino possa caminhar no sentido de uma emancipação, possibilitada pelo uso da linguagem” (RAMIREZ, p.185, 2012).

A abordagem saúde renovada tem como objetivo mudar as atitudes sedentárias e com isso promover a saúde com uma pratica de atividade física ao longo de toda vida. Embora seu pensamento seja semelhante ao modelo biológico higienista, ele se difere em um aspecto renovador, a de não exclusão.

“O objetivo de favorecer a autonomia no gerenciamento da Aptidão Física, a partir desse princípio, deve abranger todos os alunos, e não somente os mais aptos. Desse modo, as estratégias sugeridas as aulas são atividades físicas não-excludentes.” (DARIDO; SANCHEZ NETO, p.16, 2005)

O objetivo no ensino médio é de ensinar a relação das atividades físicas com a melhora da saúde e Aptidão Física, mas que este processo ocorra no contexto da Cultura Corporal dando embasamento teórico e pratico para autonomia na elaboração de conceitos que proporcionaria aos alunos subsídios para uma adoção de uma vida saudável. O professor avaliaria individualmente o progresso de cada aluno e de contra partida o aluno faria uma auto avaliação melhorando sua perspectiva.

Os parâmetros curriculares nacionais “PCNs” são documentos elaborado por pesquisadores com aval do Ministério da Educação e Desporto, com sua primeira publicação em 1997 para o 1º e 2º ciclos (1.ª a 4.ª séries do Ensino Fundamental), e nos seguintes ciclos 3º e 4º (5.ª a 8.ª séries) no ano de 1998, já o Ensino Médio teve sua publicação no ano de 1999 composta por outros pesquisadores.

Embora seja uma proposta significativa ela não tem caráter obrigatório, tem o objetivo de ser uma alternativa as propostas vigentes nos estados e municípios.

Os PCNs que também é conhecido como abordagem cidadã propõem a construção critica e autônoma do cidadão fomentando questões de cunho social denominadas por temas transversais: saúde, ética, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo, mais esta construção deve ocorre em integração a Cultura Corporal de Movimento.

“Assim, a Educação Física na escola deve promover o principio da inclusão, com a inserção e integração dos alunos à Cultura Corporal de Movimento, por meio de vivências que problematizem criticamente os conteúdos: jogos, esportes, danças, ginástica, lutas, e conhecimento sobre o corpo”. (DARIDO; SANCHEZ NETO, p.18, 2005).

Diante de todas as possibilidades (abordagens) e a importância da crise, nos questionamos sobre qual o nível de conhecimento dos professores e ainda qual das abordagens descritas é utilizada na prática.

### **3 Objetivo**

O objetivo do estudo foi verificar qual o nível de conhecimento dos professores em relação à crise e ainda quais as abordagens são utilizadas na prática pelos professores.

## 4 Métodos

O presente trabalho se deu através de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, além de observações em aulas práticas e teóricas.

Participaram do estudo onze professores de Educação Física na rede estadual da cidade de Sumaré-SP, os quais responderam um questionário com cinco perguntas, sendo duas fechadas e três abertas.

## 5 Resultados e Conclusão

Ao analisarmos as respostas dos professores observamos na primeira pergunta, “Qual ano de sua formação em licenciatura” entre os onze professores dois responderam na década de 80, três na década de 90, e seis na década de 2000.

Na segunda questão, “qual a sua formação acadêmica” seis responderam apenas possuir graduação, três possuem especialização na área, um possui mestrado e o outro doutorado.

Já na terceira, questão “em sua opinião qual é a importância da crise de 80 para Educação Física”. Após análise das respostas, verificamos que as réplicas foram dadas em quatro vertentes, no primeiro grupo três professores sabiam da importância da crise e sua relevância para área; no segundo grupo quatro sabiam da crise mais não contextualizaram sua relevância histórica; no terceiro dois não tinham conhecimento da crise; e no quarto dois professores claramente pesquisaram sobre o assunto na internet.

Como exemplo segue a resposta de um dos professores do primeiro grupo um que respondeu: *“foi importante e necessária para a mudança do olhar da Educação Física, que se dava de forma mecânica e esportivista”*. No segundo grupo um professor respondeu, *“esta crise foi um divisor de águas”*. Já no terceiro grupo um professor respondeu, *“não mudou nas escolas, mas houve uma grande proliferação das academias”*. No último grupo um professor respondeu, *“na década de 80, a prática pedagógica em Educação Física se encontrava em crise de identidade, colocando em questão o sentido e sua função educacional, que até então se restringia às práticas desportivas e ao desenvolvimento da aptidão física. Com isso os estudos na área se intensificaram para o rompimento deste modelo surgindo então diferentes abordagens pedagógicas”*.

Seguindo com as questões, na quarta “com base no seu conhecimento quais são as abordagens pedagógicas da Educação Física”, a maioria conhecia ao menos uma e as citadas foram: psicomotricidade, desenvolvimentista, construtivista, crítico superadora, crítico emancipatória, cultural, sistêmica, saúde renovada. Dois professores citaram a abordagem “qualidade de vida” que no contexto da narrativa entende se tratar da abordagem saúde renovada; outros dois professores citaram como abordagem tecnicista, higienista, militarista e esportista, são concepções da Educação Física que a crise de identidade foi gerada e até mesmo concepções anteriores aquele momento histórico; um professor citou o filósofo Mario Sérgio Cortella como referencial de suas aulas, apesar de se tratar de um acadêmico renomado o mesmo não tem formação na área de Educação Física.

Por fim na quinta questão “em suas aulas qual abordagem pedagógica você utiliza”, as abordagens mais citadas foram o construtivismo e a desenvolvimentista, também houve professores que diziam utilizar mais de uma abordagem; já outro professor disse utilizar *“a do dia a dia”*; e por fim outro disse utilizar a abordagem esportivista, que é exatamente o modelo que a literatura disse incoerente com a Educação Física e que gerou a crise de identidade da década de 80.

Diante da disparidade das respostas uma nova pergunta aflora: como as abordagens (teoria) são utilizadas na prática? Resolvemos verificar em loco como se dá esta relação entre a teoria e a prática, verificando se o que é relatado pelo professor no questionário é efetivamente aplicado nas suas aulas.

A observação das aulas se deu nos três diferentes anos letivos no ensino médio, no primeiro ano a aula dada em sala (teoria) era sobre ritmo movimentos cíclicos e acíclicos, logo em seguida fomos para quadra para aula prática onde o professor armou a rede de vôlei e fez duas estafetas, pediu para os alunos de uma estafeta sacarem de um lado e os outros fizessem a recepção e a todo momento ele paralisava as jogadas para corrigir a forma certa de sacar ou de receber o saque até que o movimento ficasse-se “correto”, uma referência clara ao modelo mecânico e esportivista.

No segundo ano a aula teórica era vôlei mais o conteúdo era específico sobre bloqueio e seus diferentes tipos, simples, duplo e triplo. Após a aula teórica fomos para a quadra e a prática foi exatamente igual ao ano anterior, com saques, recepções e aperfeiçoamento da técnica.

Já no terceiro ano a aula teórica era sobre as manifestações da cultura hip hop como a dança a música e o grafite. A posteriori fomos para a prática e ela se deu igual aos anos anteriores.

Os resultados nos permitem sugerir que os professores não utilizam ou não conhecem a crise de 80 e as abordagens oriundas, o que evidencia o grande abismo existente entre a teoria e a prática. A literatura afirma que o profissional deve se apropriar de fundamentações teóricas para que suas ações (prática) sejam contextualizadas, e que haja uma interação entre estes saberes em prol de um desenvolvimento pedagógico que busque a autonomia do indivíduo visando sua emancipação.

## **6 Discussão**

Após a análise dos resultados pode ser identificado que a maioria dos professores se formou nos anos 2000 posteriormente a crise, onde teoricamente deveria de ser conhecimento de todos, este momento histórico. O conhecimento de uma ou outra abordagem não reflete em um caráter qualitativo quando se refere quais os elementos pedagógicos estão intrínsecos em cada abordagem, e como eles deverão ser utilizados na prática.

E as nossas observações das aulas corroboram para esse pensamento onde há um abismo entre a teórica e a prática, e até mesmo de uma forma mais agravada nem ao menos elas se relacionam.

A literatura é enfática ao dizer que não existe prática sem o fundamento teórico sobre determinado conteúdo, ou seja, a prática nada mais é do que a execução do conhecimento teórico sobre determinado assunto, e este conhecimento tem que respeitar as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, ou seja, o que deve se saber, o que deve saber fazer e como deve ser, e estes saberes devem estar incorporados na prática docente contextualizados com a Cultural Corporal do Movimento.

Nesse sentido o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas, e o passar conhecimentos sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele

movimento isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual) [...]. (DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2007, p. 17).

## 7 Considerações finais

O que nos preocupa não é somente o conhecimento superficial dos profissionais sobre as abordagens pedagógicas e a sua contextualização histórica, mas o que nos deixa verdadeiramente apreensivos é o fato dos profissionais não terem embasamento teórico em seus planos de aula. Vale ressaltar que sem um pensamento científico sobre a Educação Física ela se torna apenas recreacionista.

Nós projetamos no horizonte da Educação Física um terreno árido sem vida, que dificilmente será germinado uma semente de esperança para romper com esse pensamento apenas biológico e imediatista que alguns profissionais têm, mas esta visão sem perspectivas que move a grande utopia da maioria dos recém-formados, que é reverter com esforço e trabalho este quadro que não é animador. Esperamos que todos profissionais tenham consciência que sem embasamento teórico não há prática, não se chega ao longe sem conhecer o caminho.

## 8 Referências

AZEVEDO, E. S.; SHIGUNOV, V. Reflexões sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física. In: Kinein - **Revista de Estudos do Movimento Humano**. v.1, n.1, dez. 2000.

CARNEIRO, K. T. **O jogo na educação física: as concepções dos professores**. Phorte, São Paulo, 2012.

DAÓLIO, J. Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 80. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.18, n.3, p.182-191, 1997.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Autores Associados, Campinas, 2004.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SANCHEZ NETO, L. **O contexto da Educação Física na escola**. In:

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C. e SOUZA JUNIOR, O. M. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papirus, 2007.



FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. 5 ed., Scipione, São Paulo, 2009.

MASSA, M. Caracterização acadêmica e profissional da Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, n.1, p.29-38, 2002.

NEWELL, K. M. **Physical Education in Higher Education: chaos out of order**. Quest, n. 42, p. 227-42, 1990.

RAMIREZ, F. **O discurso em jogo: um estudo sobre as visões de mundo das teorias que embasam as abordagens pedagógicas no esporte**. 2012. 242f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

## CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Willian Silva<sup>(1)</sup>

Thiago Augusto Costa de Oliveira<sup>(2)</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar os benefícios da capoeira na educação física escolar e estudar a possibilidade de que ela seja inserida nas aulas de Educação Física escola. Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Os resultados mostram que a Capoeira tem o potencial de oferecer aos alunos um desenvolvimento físico (agilidade, lateralidade, ritmo, flexibilidade, esquema corporal e coordenação motora entre outros), benefícios sociais (cooperação, interação e integração social), equilíbrio psíquico e físico, além de ser uma prática interdisciplinar que envolve história, música, instrumentos, poesia e dança. Sendo assim os estudo sugere mesmo o professor não sendo um mestre de Capoeira é possível inseri-la no ambiente escolar como parte do currículo

**Palavras-chave:** Capoeira, Educação Física, Danças e Lutas.

### ABSTRACT

*The objective of this study is to show the benefits of capoeira in physical education and study the possibility for it to be inserted in school physical education classes. A qualitative research realized through a literature review was made. The results show that Capoeira has the potential to offer students a physical (agility, laterality, rhythm, flexibility, body image and motor coordination etc.), social benefits (cooperation, interaction and social integration), psychological and physical, besides being an interdisciplinary practice that involves history, music, instruments, poetry and dance. Therefore the study even suggests the teacher not being a Capoeira master can insert it in the school environment as part of the curriculum*

**Keywords:** Capoeira, Physical Education, Dance and Fights.

<sup>(1)</sup> Graduando em Educação Física (Licenciatura), Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [william\\_365@yahoo.com.br](mailto:william_365@yahoo.com.br)).

<sup>(2)</sup> Professor Mestre em Educação Física – Professor do curso de Educação Física, Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil (e-mail: [tacooliveira@yahoo.com.br](mailto:tacooliveira@yahoo.com.br))

## 1 Introdução

Os historiadores relatam que a origem da capoeira se dá por volta da época da escravidão no Brasil. Muitos afro-descendentes foram trazidos da África para o Brasil para “trabalhar” como escravos nas fazendas de café, nas roças ou nas casas dos senhores. A capoeira era uma forma de luta e de resistência. Porém, para não despertarem suspeitas, os escravos adaptaram os movimentos da luta aos cantos da África, fazendo tudo parecer uma dança. A capoeira foi ficando do jeitinho que ela é hoje, gingada. No início do século 19, no Rio de Janeiro, bandidos e malfeitores eram chamados de capoeiras. Em 1888, a escravidão foi oficialmente abolida no Brasil. Muitos negros libertos não tinham como sobreviver e acabaram na marginalidade. Em Salvador, chegaram a organizar gangues e provocar rebeliões. Durante muito tempo a capoeira foi proibida. Na década de 1930 a capoeira já tinha adquirido um novo status em nossa sociedade. Com o passar do tempo Professores e mestres de capoeira da Bahia se tornaram famosos, como os mestres Bimba, Pastinha e Gato.

Hoje em dia há muitas formas de jogar capoeira, e a mais tradicional preserva as raízes africanas, como a capoeira angola na Bahia.

Para a Educação Física a capoeira é concebida como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona ainda um auto conhecimento e uma análise crítica das suas potencialidades e limites

Porém sua grande abrangência pode ser causa da dificuldade dos professores em trabalhar a capoeira como conteúdo, pois suas possibilidades transitam desde a Capoeira como Lazer, Capoeira Luta, Capoeira Dança e Arte, Capoeira Folclore, Capoeira Esporte, Capoeira Educação, Capoeira Lazer, Capoeira Filosofia, até a Capoeira como Terapia.

Diante deste cenário bem amplo que procuramos identificar como a literatura lida com a Capoeira na escola.

## 2 Revisão bibliográfica

A capoeira tem características que possibilitam a interdisciplinaridade, aspecto que sustenta a sua inserção na escola e nas aulas de Educação Física. A literatura busca discutir sua valorização, o conceito e a abrangência da capoeira na Educação Física escolar.

Em uma síntese da literatura verificamos que o tema capoeira na Educação Física escolar ainda carece de um problema de pesquisa mais robusto, prova disso são escopo dos estudos, como segue. Bonfim (2007), Mello (2012), Souza e Oliveira (2001), Mattos, Mattos e Mattos (2007), Iório e Darido (2005), Moura, Barboza e Antunes (2012), Silva (2012) tiveram como objetivo investigar de que forma a capoeira é trabalhada na escola, tendo como base os PCN's que discutem a história da capoeira e procuram auxiliar na estruturação de conteúdos para a Educação Física Escolar, buscando oferecer conhecimento teórico e prático para ensino e divulgação da capoeira nas escolas e nas demais localidades. Já Costa (2007), Farias e Goellner (2007), procuram detectar consequências para a cultura “capoeirana” em relação a regulamentação da profissão de Educação Física, e ainda analisar o papel da capoeira fora da escola. Ramos e Isayama (2007) analisaram a inserção dos conhecimentos sobre o lazer nos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas esportivas do currículo do curso de formação superior em Educação Física.

Para realizar seus estudos Farias e Goellner (2007), Silva (2012) utilizam o método de pesquisa qualitativo, utilizando estratégias de captação etnográfica. Bonfim (2007), Mattos, Mattos e Mattos (2007), Iório e Darido, (2005) promovem uma revisão bibliográfica. Moura,

Barboza e Antunes (2012) utilizaram pesquisa de campo com entrevista semiestruturada. Já Ramos e Isayama (2009) caracterizaram sua pesquisa pela combinação da pesquisa bibliográfica e de campo, através de entrevista semiestruturada. Ainda Costa (2007) realizou uma pesquisa documental e entrevistas, utilizando o método dialético e análise do discurso. Bonfim (2007), Iório e Darido (2005), Costa (2007) e Silva (2012) apontam em seus resultados que é possível observar cada vez mais que a Capoeira tem se incorporado ao ambiente escolar, seja nas aulas de Educação Física, atividades extracurriculares, datas comemorativas, apresentações de grupos da comunidade, etc. Por fim Souza e Oliveira (2001) e Farias e Goellner (2007) apontam que a capoeira necessita de transformação, precisa deixar de ser vista apenas como demonstração e ser inserida como uma “arte” que pode ser ensinada e inserida como conteúdo e nesta linha Ramos e Isayama (2009) e Moura, Barboza e Antunes (2012) verificam que apenas os professores que já tem alguma vivência com a capoeira utilizam como conteúdo em suas aulas.

Em suma as conclusões dos artigo descritos acima convergem para uma proposta de utilização da capoeira como uma das ferramentas pedagógicas que pode ser utilizadas no processo de aprendizagem.

### **3 Objetivo**

O objetivo deste trabalho é mostrar os benefícios da capoeira na Educação Física escolar e verificar quais as possibilidade de inserção como conteúdo.

### **4 Método**

Foi feita uma pesquisa qualitativa concretizada através de uma revisão de literatura. Inicialmente o tema foi pesquisado em livros, dissertações e teses e posteriormente em base de dados e em periódicos. O método de análise dos textos e dos artigos foi influenciado pela literatura (NELSON; THOMAS, 2012; CERVO; BERVIAN, 2007), seguindo a ordem de leitura de reconhecimento, leitura seletiva, leitura crítica ou reflexiva e por fim a leitura interpretativa.

### **5 Resultados e Conclusão**

Ao analisermos a literatura podemos verificar que Embora a capoeira seja uma prática antiga, ainda carece de reconhecimento no processo educativo, no âmbito da educação física escolar. Ela tem o potencial de oferecer aos alunos um desenvolvimento físico (agilidade, lateralidade, ritmo, flexibilidade, esquema corporal e coordenação motora entre outros), benefícios sociais (cooperação, interação e integração social), equilíbrio psíquico e físico, além de ser uma prática interdisciplinar que envolve história, música, instrumentos, poesia e dança. Através do estudo da capoeira, se aprofunda o conhecimento histórico do nosso Brasil, desenvolvendo a parte intelectual do indivíduo. A capoeira hoje é reconhecida como patrimônio cultural e imaterial, incluída até mesmo nos parâmetros curriculares nacionais, como conteúdo a ser trabalhado na disciplina de educação física, por sua importância no universo da cultural corporal, justificando seu valor disciplinar nas escolas.

## 6 Considerações finais

As potencialidades desta “arte” são inúmeras e ainda atende a todos os públicos e faixas etárias, podemos destacar a diminuição do estresse, a melhora o condicionamento cardiovascular e musculoesquelético, a flexibilidade, a coordenação, estimula o respeito ao próximo. Estes aspectos são apenas uma amostra do quão importante pode ser a utilização da Capoeira como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar.

Deste modo podemos sugerir que mesmo o professor não sendo um mestre de Capoeira é possível inseri-la no ambiente escolar como parte do currículo.

Um aspecto de extrema relevância é o professor ter bem definido em qual área (lutas, dança, arte, etc) a Capoeira será inserida em suas aulas

## Referências

SILVA, A. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: **Congresso brasileiro de história da educação física, Esporte, lazer e dança**, VIII., Ponta Grossa. *Anais*, 2002. Estadual de Ponta Grossa, 2002.

BONFIM, G. C. S. *A prática da capoeira na educação física e sua contribuição para a aplicação da lei 10.639 no ambiente escolar: a capoeira como meio de inclusão social e da cidadania*. Disponível em:

<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/conece/3conece/paper/viewFile/2379/975>  
**MELLO**. Acesso em: 13/07/2015, 2014.

COSTA, N. L. **O Trato com o Conhecimento da Capoeira: Uma Experiência Pedagógica da Capoeira na Fundação Cidade Mãe – Salvador/Ba**. Monografia (Especialização em Metodologia da Educação Física e do Esporte). UNEB, Salvador. 2001.

FARIAS, R.C. & GOELLNER, S.V. A CAPOEIRA DO MERCADO MODELO DE SALVADOR: GESTUALIDADES PERFORMÁTICAS DE CORPOS EM EXIBIÇÃO **Revista brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v.21, n.2, p.143-55, abr./jun. 2007.

IÓRIO, L. S.; DARIDO, S. C. Educação Física, capoeira e educação física escolar: possíveis relações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. p. 137-143, 2005.

MATTOS, C. L. A.; MATTOS, H. C. C.; MATTOS, M. A. Capoeira na escola. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a36.pdf>. Acesso em: 15/08/2015, 2007.

MOURA, D. L.; BARBOZA, L. B.; ANTUNES, M. M. Entrando na roda: uma análise das dificuldades e facilidades da inserção da capoeira em escolas da rocinha. **Revista Mackenzie De Educação Física E Esporte**. v. 11, n. 1, 2012.

RAMOS, R.; ISAYAMA, H.F. Lazer e esporte: olhar dos professores de disciplinas esportivas do curso de educação física. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.23, n.4, p.379-91, out./dez. 2009.

SILVA, L. M. F. **O ensino da capoeira na educação física escolar: blog como apoio pedagógico**. Rio Claro, 2012.

SOUZA, A. R.; OLIVEIRA, A. B. Estruturação da capoeira como conteúdo na educação física no ensino fundamental e médio. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2. sem. 2001.

## - RESENHAS

BLANCO, R. **Dança Chegança. Seminário Multidisciplinar**, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015.

Rose Blanco, especialista e professora de dança e de ginástica geral do curso de Educação Física, bastante respeitada por seus alunos e pelos colegas de trabalho, tratou da organização e da coreografia do espetáculo de abertura ao Seminário Multidisciplinar das Faculdades Network, realizada pelos alunos do referido curso e pelos bailarinos da coreógrafa, que tanto impressionou o público presente. A apresentação ocorreu no dia 9 de novembro. A montagem foi sobre a chegada dos portugueses ao Brasil e ao início de nossa colonização. O termo *chegança* é originário de palavras náuticas, como “chegar”, que significa dobrar as velas à chegada do navio.

Expressamos, por meio dela, nossa raiz cultura, através do povo indígena, afro-brasileiro e nordestino, querendo ressaltar a importância de cultuarmos as nossas raízes e valorizar a cultura de nossos antepassados, além da preservação da nossa terra. *Chegança* é uma dança popular baseada nas antigas tradições, celebrada em inspirações marítimas. O figurino foi montado com trajes de indígenas nativos no Brasil há muito tempo habitado, marujos e tripulantes da embarcação.

A encenação da *chegança* começou a se popularizar no território brasileiro no início do século XIX, sendo muito conhecida no nordeste, no período natalino. Em pequenos vilarejos ribeirinhos, é comum ser festejada incorpora aos festejos do Bom Jesus dos Navegantes, alargando seu período de apresentação até fevereiro, representando o combate entre cristãos e mouros. Na coreografia deste espetáculo, fizemos uma releitura, usando a letra da música como descendência da fala de várias tribos, associando-a à chegada dos portugueses no Brasil.

A dança foi dividida em 8 turmas, cada uma em suas sequências, em alguns momentos, grupos se juntavam para seu desenvolvimento, o que exigiu muito tempo de ensaio dos grupos. A disposição básica dos bailarinos é em fileiras e a movimentação maior é com os pés. Sem sair do lugar, os dançarinos movimentam o corpo lado a lado. Ensinou coordenação e ritmos folclóricos. O enredo é desenvolvido à base de declamações e, sobretudo, cantos acompanhados de música e dança. A variação da dança está relacionada com a situação apresentada, temos a marcha lenta, por exemplo, com o episódio do capitão ferido, e a marcha ligeira, que representa os preparativos da guerra.

Faz parte da nossa política educacional a educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Sendo desenvolvida por meio de conteúdo, competências, atitudes e valores, a educação de direitos humanos, que é o princípio norteador da educação básica, desenvolvendo sua educação de forma integrada, permeando todo o currículo para promover o respeito a nossos direitos e à convivência humana.

A educação ambiental, que é componente essencial e permanente da educação nacional, deve estar presente, de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal, bem como deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.

Todos os presentes tiveram a oportunidade de assistir a apresentação e de se maravilhar com os elementos visuais e coreográficos, bem como conhecer parte da cultura do país. A apresentação pode agradar os que cultivam a arte da dança e da cultura brasileira em geral.

Fábio A. C. da Silva, Iara F. Corrêa, Clayton H. de M. Dantas e Pedro P. S. F. Cordeiro, acadêmicos do curso de Educação Física das Faculdades Network, sob supervisão de Angela H. Tamaru, profa. de Pesquisa e Prática Profissional



MACEDO, A. **Anatomia palpatória. Seminário Multidisciplinar**, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015.

Admirada pelos colegas de trabalho e pelos alunos, Aline Macedo é doutoranda em clínica médica pela Unicamp e, atualmente, ministra aulas de anatomia, neuroanatomia e cinesiologia nas Faculdades Network para o curso de Educação Física.

O minicurso, que ocorreu no dia 12 de novembro, tratou da apalpação, que é um exame minucioso, que permite que o investigador, sem a utilização de ferramentas, apenas com as mãos, através de um conhecimento prévio, extraia informações de estruturas abaixo da pele e fásia, lembrando que deve haver sempre a devida higienização, lavando bem as mãos, mantendo as unhas limpas e cortadas e evitando o uso de cremes, para não atrapalhar o toque. A técnica permite detalhar possíveis lesões e situações irregulares no corpo humano, em que as pessoas necessitem de cuidados.

Ela abordou as curvaturas da coluna, o processo espinhoso e a caixa torácica, explicando partes do esterno, clavícula e escápula, lembrando-nos que acidentes podem acontecer e ter conhecimento sobre partes do corpo podem ajudar com uma pré-análise da fratura.

Composta por apresentação de slides, houve também demonstração das estruturas no esqueleto e interação entre os participantes, sendo possível analisar o tronco, os membros superiores e os inferiores. Seguindo um roteiro, puderam vivenciar na prática simulações de casos em que possíveis anormalidades ocorridas no corpo fossem identificadas para o encaminhamento ou não para o setor médico.

A explanação foi dinâmica, com um aluno pesquisando as estruturas no colega, com a apalpação desvendando uma grande quantidade de informações não percebidas pelo olhar. Dividido em quatro partes, primeiramente a professora Aline, com o auxílio do esqueleto, localizou os principais ossos da coluna vertebral, costelas e ossos do tronco posterior e anterior, além do funcionamento normal de tais ossos, para, em seguida, os alunos sentirem esses elementos no colega. Depois passam para membros superiores e inferiores.

Durante a palestra, teve alguns materiais que não foram adequados, pois impedia a visualização das partes tratadas, mas isso não atrapalhou a exposição, pois a palestrante soube contornar os obstáculos, cujo conhecimento e experiência sobre o assunto ajudou.

Um assunto esclarecedor e interessante a ser tratado entre os presentes, majoritariamente alunos do curso, houve, porém, limitação de público, reduzindo-se a 20 participantes, o que nos conduz a solicitar nova edição do mini-curso em próximo evento, pois, além de somar e aumentar o nosso conhecimento, aprendemos que cada contato que se faz com o outro deve ser realizado como se não houvesse visão nem audição. Tratou-se de um evento descontraído, em que os participantes puderam interagir e

Assim, assistir a esta apresentação foi de suma importância, sendo esta recomendada ao seu público-alvo, os estudantes de Educação Física e áreas afins, bem como aos profissionais da cultura corporal de modo geral e a todos os interessados por esse grande estudo, que é a anatomia.

Suély H. dos Santos, Tamara C. M. Dantas, Erick R. F. da Silva,  
Robert Cardoso, Neuma dos S. Argolo, Fabiana M. Nunes,  
estudantes do curso de Educação Física das Faculdades Network, sob supervisão de  
Angela H. Tamaru, profa. de Pesquisa e Prática Profissional

**BOGRI, D. Atividades lúdicas para o desenvolvimento Psicomotor. Seminário Multidisciplinar**, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015.

Dayane Bogri, fisioterapeuta que atua na Instituição Apae de Nova Odessa, SP, proferiu que, desde o nascimento da criança, ela precisa de um acompanhamento no seu desenvolvimento, na sua amamentação, engatinhar, equilíbrio e começo de seu andar. Caso seja detectada alguma dificuldade, tanto motora quanto visual, deve-se procurar ajuda de um especialista o quanto antes, para que a doença seja detectada. Assim, mencionou situações para identificar as dificuldades e limitações na primeira infância, pois algumas ações e reações são demonstradas logo ao nascer, por exemplo, um movimento corporal sistemático.

A criança está sempre se desenvolvendo e atividades lúdicas, que são majoritariamente trabalhadas na Educação Infantil, são fundamentais na formação da criança. No começo de sua formação, a criança apreende o mundo através do tato e do paladar, depois por meio da visão e da audição. Em casa e, posteriormente, na escola, é introduzida a recreação para seu desenvolvimento comportamental e sensorial. Para isso, é necessário se utilizar de alguns objetos adequados e até mesmo adaptados.

A psicomotricidade, linha teórica apresentada pela palestrante, estuda o ser humano e a relação entre os seus movimentos e o mundo interno e externo. O espaço que ele ocupa através do próprio corpo ajuda a criança a se conhecer, facilitando o desenvolvimento das suas habilidades criativas e a sua sociabilidade. Existem várias atividades que nos permitem detectar se a criança está sendo bem desenvolvida, como pular, correr e brincar, sejam desenvolvidas em seu acontecer natural, seja através de jogos ou exercícios elaborados, de modo que essa área contribui significativamente para o desenvolvimento da criança.

A ciência psicomotora permite a compreensão da forma como a criança toma consciência de seu corpo e das possibilidades de se expressar, localizando-se no tempo e no espaço. Para seu bom desenvolvimento, é necessário que se passe por todas as fases de desenvolvimento de modo saudável, incluindo a intrauterina, em que se tem total dependência fisiológica da mãe. Já crescida, é necessário aprender a aceitar regras, respeitar e dividir objetos, bem como interagir-se socialmente por meio da linguagem. Quando não se respeita o desenvolvimento de cada etapa, a criança pode apresentar alterações de desenvolvimento futuro. Em alguns casos, necessitam de tratamento com especialistas e, quando esta manifestação se agrava, é o caso de se dar tratamento com medicação e supervisão constante.

Vale lembrar que os pais também devem passar por acompanhamento especializado, pois há uma grande resistência por parte da família, em não aceitar que o filho está com problema.

Como alunos, a palestra foi fundamental, para atuação profissional futura, para que se consiga melhor planejar e desenvolver ensinamentos enquanto docentes. Com essa explanação, educadores físicos podem ver com maior clareza a detecção de algum aluno com dificuldade específica. Assim, recomenda-se a palestra a todos que, diretamente ou indiretamente, lidam com a educação de crianças e jovens, particularmente os setores especializados em educação especial.

Rose Gabriel, Tânia Oliveira,  
estudantes do curso de Educação Física das Faculdades Network, sob supervisão de  
Angela H. Tamaru, profa. de Pesquisa e Prática Profissional

TAMARU, A. A.; SANTOS, K. L. dos. **Os papéis sociais de gênero na Educação. Seminário Multidisciplinar**, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015.

Angela Harumi Tamaru, formada em Educação Física e Letras, mestre em Educação e doutora em História e Teoria Literária pela Unicamp, é professora e coordenadora dos cursos de Educação Física e Pedagogia das Faculdades Network, que, juntamente com sua orientanda de TCC, Késya Larissa dos Santos, proferiu a palestra sobre gênero e educação com o objetivo de propalarem uma educação não sexista. A apresentação demonstrou a importância de se dar igual tratamento a homens e mulheres, visto não querer propalar os papéis sociais estabelecidos aos gêneros femininos e masculinos.

A palestra foi dada com a exposição de 30 slides, que tratavam de sexualidade, estereótipos de gênero, papéis sociais, discriminação e paradigmas das (des)igualdades. Ressaltaram a igualdade de gêneros assegurada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos da Onu (1940) e pela Constituição Federal (1988). Fazem, ainda, o uso de imagens que ilustram os tipos mais comuns de discriminação na escola ou em qualquer outro ambiente.

Quanto às práticas esportivas, as palestrantes também mencionaram as diferenças sociais, sendo atribuída maior relevância para a mulher que pratica ginástica, vôlei e dança, ao passo que os homens são mais aceitos quando fazem luta, jogam futebol ou fazem musculação, sofrendo discriminação os alternativos, como homens que querem dançar ou praticar ginástica ou mulheres que querem jogar futebol ou serem halterofilistas. Elas falam sobre a importância da desconstrução desses estereótipos e fazer trabalhos de ação para promover igualdade entre meninos e meninas.

Ficou bem claro que, ainda de forma sutil, o homem é privilegiado em nossa sociedade, e a mulher é tratada com certa desigualdade, apesar de, perante a lei, todos serem iguais não ser exatamente o que acontece na prática. Para a mudança desse quadro, é preciso mostrar às crianças a igualdade que deve haver entre eles, pois os estereótipos e discriminações são aprendidos desde pequenos. Para evitá-los, educadores devem criar um ambiente sem tratamentos diferentes por sexo.

Apontamos como único porém o pouco tempo para falar e debater o tema, por ser algo polêmico e de grande repercussão, com opiniões diversas. Em termos gerais, a apresentação foi valiosa e bem preparada, para alcançar maior nível de entendimento sobre o tema por parte dos presentes. Uma ótima palestra sobre um tema atual e informativo, para melhorar o entendimento do público-alvo, como entender a criação e o crescimento das crianças e de como seus pais foram criados, repassando seus ensinamentos para seus filhos.

A relevância da palestra está também em reconhecer a necessidade de não existir mais preconceito entre homens e mulheres, pois é inegável a maior participação social desta última tanto no setor profissional quanto de formação. Sendo assim, no campo escolar, não é preciso separar os dois gêneros, como tradicionalmente se praticava, visto ser imprescindível ensiná-los a compartilhar experiências e desenvolverem-se juntos, para que a discriminação seja esquecida e deixada para trás.

É inenarrável a importância de se expandir esse tema para toda a sociedade, para que as futuras gerações já cresçam em um mundo onde a igualdade seja uma realidade para todos.

Paulo C. M. dos Santos, Jhonata A. da Silva, Juliana Longin, Michele Rufino, Luana Amaral e Vanessa Marques, acadêmicos do curso de Educação Física e Pedagogia das Faculdades Network, Nova Odessa, SP.

GONÇALVES, L. C. **Palestra de filosofia. Seminário Multidisciplinar**, Faculdades Network, Nova Odessa, SP, 2015.

Professor respeitado de filosofia e ética nas Faculdades Network, Luís Carlos Gonçalves aborda, em suas aulas, a percepção de vida de alguns filósofos fundamentais como Aristóteles e Platão. No primeiro semestre de 2015, abordou em sua aula, de modo primordial, a compreensão da palavra sentido e os sentidos que essa palavra tem; abordou também temas como saúde e que estar de bem consigo mesmo e ter uma visão positiva fazem o indivíduo viver mais e melhor.

Com sua palestra no dia 11 de novembro de 2015, ele abordou como a ética influencia a vida das pessoas, utilizando filósofos famosos; e também fez uma reflexão de sua vida em um poema que cativou todo o público. Segue o poema, de sua própria autoria:

#### **Relato de um menino**

e eu que já fui um menino  
desses bem pequenino  
que ía pro início da fila, era estranho  
puxar a fileira pelo pouco tamanho  
quando altura pra fila ainda existia

e eu que já fui de se mirar  
das brincadeiras para apelidar  
caveira, esqueleto, cabeção  
levava na gozação  
quando bullying ainda nem existia

e eu que já fui afamado como caxias  
do be-a-bá era orgulho das tias  
continhas, somar e subtrair  
era fácil, fazia até sem pedir  
quando cartilha ainda existia

e eu que já fui de vestir uniforme  
camisa branca, shorts azul, conforme  
meia branca até o joelho  
o tênis bamba era vermelho  
quando nike por aqui ainda nem existia

e eu que já fui para a quadra  
na esperança de participar de uma esquadra  
mas a realidade ía ser diferente  
último a ser escolhido era bola pra frente  
quando com e sem camisa ainda existia

e eu que já fui da bola que não recebia  
aguardava a chance que não via  
do gol e da goleada  
até a comemoração tava ensaiada  
quando coreografia para isso ainda nem existia

e eu que já fui pensando em desistir  
mas tinha lá um professor pra nos advertir  
que de física era como a gente o chamava  
não aquela que mostra o planeta que gravitava

quando plutão no sistema solar ainda existia

e eu que já fui pro campeonato disputar  
acreditando que minha sala ía representar  
era o mestre jaimé que tinha falado  
no time, de reserva estava escalado  
quando banco de suplentes ainda nem existia

e eu que já fui com a impressão  
desde pequeno que esperar não é em vão  
um dos melhores quis sair  
de surpresa pediu para o substituir  
quando solidariedade ainda existia

e eu que fui ouvindo o locutor  
imaginação de todo jogador  
anunciar a troca no estádio  
podia ser morumbi, maracanã, cobertura no rádio  
quando tv a cabo ainda nem existia

e eu que já fui me desmarcando  
e o primeiro passe recebendo  
o chute certo e não é que venceu o goleiro...

aqui faço uma pausa na construção poética e na rima  
para fazer um destaque  
talvez os outros meninos não se lembrem  
dos gols que naquela quadra fizeram  
pois pra craque isso é normal  
já sou grande, adulto, pai e professor  
mas não deixei de ser aquele menino  
que da insistência do mestre jaimé  
permitiu que esse gol vivesse em minha memória.

Luis Carlos Gonçalves  
novembro/2015

A palestra teve duração de aproximadamente 45 minutos, com explicações sobre filósofos e ética; o professor abriu espaço para questionamentos ou dúvidas. Parte de sua palestra foi como a filosofia serve para ajudar o indivíduo a compreender a sua própria existência, não aceitando o que é óbvio e discutindo sobre para entender o porquê de algo ser do jeito que é.

O que mais chamou a atenção na palestra foi o poema, em que o professor relatou uma parte de sua vida em uma experiência que, mesmo depois de anos terem se passado, ainda é algo especial para ele: o primeiro jogo de futebol e seu gol. A emoção com que as palavras iam tomando sentido era percebida pelo semblante alegre do professor, e talvez isso não fosse tão visível em um professor de basquete ou matemática.

Não seria tão fácil escrever um poema, tendo a visão de um filósofo e não sendo um. Contudo, vale ressaltar que participar de palestras como essa, além de ajudar a todos a ver o mundo com uma visão crítica, também se pode perceber como o que foi dito tem ligação direta com o nosso cotidiano, mesmo que não seja sempre que saímos filosofando ou demonstrando nossa opinião sobre o mundo.

Jhennifer C. de Sousa Godoy,

acadêmica do curso de Educação Física das Faculdades Network, Nova Odessa, SP, sob supervisão de Angela Harumi Tamaru, com a disciplina de Pesquisa e Prática Profissional I.

